

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS  
CIÊNCIAS DA UFBA/UEFS**

**TAISA MARIA SACRAMENTO SAID**

**A PRIMEIRA DOUTORA NEGRA EM QUÍMICA NA BAHIA:  
DJANE SANTIAGO DE JESUS**

Salvador, Bahia  
2023

**TAISA MARIA SACRAMENTO SAID**

**A PRIMEIRA DOUTORA NEGRA EM QUÍMICA NA BAHIA:  
DJANE SANTIAGO DE JESUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia/ Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Ensino, Filosofia e História das Ciências.

Orientadora: Profa. Bárbara Carine Soares Pinheiro  
Co-Orientadora: Profa. Paloma Nascimento dos Santos.

Salvador, Bahia  
2023

Said, Taisa Maria Sacramento.

A primeira doutora negra em Química na Bahia [recurso eletrônico] : Djane Santiago de Jesus / Taisa Maria Sacramento Said. - Dados eletrônicos. - 2023.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bárbara Carine Soares Pinheiro.

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Paloma Nascimento dos Santos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação.

Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Salvador, 2023.

Programa de Pós-Graduação em convênio com a Universidade Estadual de Feira de Santana.

Disponível em formato digital.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Mulheres negras - Ciência. 2. Química - Estudo e ensino. I. Pinheiro, Bárbara Carine Soares. II. Santos, Paloma Nascimento dos. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. III. Universidade Estadual de Feira de Santana. IV. Título.

CDD 305.4 - 23. ed.



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E  
HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS (PPGEFHC)**

**ATA Nº 1**

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS (PPGEFHC), realizada em 14/12/2023 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS no. <numAta/>, área de concentração Educação Científica e Formação de Professores, do(a) candidato(a) TAISA MARIA SACRAMENTO SAID, de matrícula 2020107080, intitulada A PRIMEIRA DOUTORA NEGRA EM QUÍMICA NA BAHIA:DJANE SANTIAGO DE JESUS. Às 14:00 do citado dia, FAGED UFBA, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof<sup>ª</sup>. Dra. BARBARA CARINE SOARES PINHEIRO que apresentou os outros membros da banca: Prof<sup>ª</sup>. INDIANARA LIMA SILVA, Prof<sup>ª</sup>. Dra. PALOMA NASCIMENTO DOS SANTOS e Prof. Dr. CARLOS DANIEL SILVA DA SILVA. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** CARLOS DANIEL SILVA DA SILVA  
Data: 17/12/2023 18:07:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Dr. CARLOS DANIEL SILVA DA SILVA, IFBA**

Examinador Externo à Instituição

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** PALOMA NASCIMENTO DOS SANTOS  
Data: 30/12/2023 15:26:40-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Dra. PALOMA NASCIMENTO DOS SANTOS, UFBA**

Examinadora Externa ao Programa

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** INDIANARA LIMA SILVA  
Data: 29/12/2023 07:47:55-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**INDIANARA LIMA SILVA, UEFS**

Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** BARBARA CARINE SOARES PINHEIRO  
Data: 15/12/2023 14:23:48-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Dra. BARBARA CARINE SOARES PINHEIRO, UFBA**

Presidente

**TAISA MARIA SACRAMENTO SAID**

Mestrando(a)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** TAISA MARIA SACRAMENTO SAID  
Data: 31/12/2023 10:43:36-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



*Universidade Federal da Bahia*

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E  
HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS (PPGEFHC)**

**FOLHA DE CORREÇÕES**

**ATA Nº 1**

**Autor(a):** TAISA MARIA SACRAMENTO SAID

**Título:** A PRIMEIRA DOUTORA NEGRA EM QUÍMICA NA BAHIA:DJANE SANTIAGO DE JESUS

**Banca examinadora:**

Prof(a). CARLOS DANIEL SILVA DA SILVA Examinador Externo à Instituição

Prof(a). PALOMA NASCIMENTO DOS SANTOS Examinadora Externa ao Programa

Prof(a). INDIANARA LIMA SILVA Examinadora Interna

Prof(a). BARBARA CARINE SOARES PINHEIRO Presidente

---

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1.  INTRODUÇÃO
2.  REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
3.  METODOLOGIA
4.  RESULTADOS OBTIDOS
5.  CONCLUSÕES

COMENTÁRIOS GERAIS:

---

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

**Prof(a). BARBARA CARINE SOARES PINHEIRO**

Orientador(a)

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia (CEFET-BA)

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPESB - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

GPPQ - Grupo de produção e pesquisa em Química

GPPQ - Grupo de Produção e Pesquisa em Química

IQ - Instituto de Química

LGPD - Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais

PPGQUIM - Programa de Pós-Graduação em Química da UFBA

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFC - Universidade Federal do Ceará

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. EU SOU UM FRUTO DA COLONIZAÇÃO?.....</b>	<b>15</b>
2.1. RAÇA.....	17
<b>3. ENFRENTAMENTO À COLONIALIDADE.....</b>	<b>21</b>
<b>4. PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>28</b>
4.1. PRIMEIRO MOMENTO.....	30
4.2. SEGUNDO MOMENTO.....	34
4.3. TERCEIRO MOMENTO.....	37
<b>5. SEMPRE FIQUEI QUIETA E AGORA VOU FALAR.....</b>	<b>41</b>
<b>6. A DOUTORA DJANE SANTIAGO DE JESUS.....</b>	<b>48</b>
<b>7. ENTRELAÇANDO AS COLONIALIDADES.....</b>	<b>54</b>
7.1. PRIORIZAÇÃO DO TRABALHO NÃO INTELECTUAL.....	54
7.2. EU SOU TÍMIDA?.....	57
7.3. ASCENSÃO SOCIAL ATRAVÉS DO ESTUDO.....	62
7.4. A COORDENADORA SOU EU!.....	67
7.5. NÃO SOMOS GUERREIRAS E SIM VENCEDORAS.....	70
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>77</b>
<b>ANEXO A – QR CODE COM O VÍDEO EDITADO DA PRIMEIRA ENTREVISTA.....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO B – QR CODE COM O VÍDEO EDITADO DA SEGUNDA ENTREVISTA.....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU VOZ PARA FINS DE PESQUISA.....</b>	<b>88</b>

## RESUMO

A pesquisa sobre a história das mulheres negras nas ciências é uma parte fundamental da História das Mulheres e da própria História das Ciências. Hoje, além de buscar contar e inserir na academia narrativas históricas de negras pioneiras, existe também um interesse em pesquisar as mulheres negras cientistas contemporâneas, suas vidas e suas trajetórias. Essa dissertação trata-se de uma pesquisa histórica e biográfico-narrativa, que tem como objetivo apresentar a trajetória acadêmica da primeira mulher negra a tornar-se doutora em Química na Bahia, Djane Santiago de Jesus, e relacionar possíveis entrelaçamentos narrativos com a trajetória acadêmica de outra mulher negra em momentos históricos diferentes, mas que se cruzam em espelhamento. Nesse sentido, essa pesquisa estabelece-se a partir da metodologia de narrativas e história de vida, utilizando a *escrivência* como dispositivo para articular as vidas pesquisadora-pesquisada. São utilizadas também fontes documentais e entrevistas, com a finalidade de identificar atravessamentos da colonialidade relacionados à raça, gênero e classe que possam estar presentes na história de vida de Djane Santiago de Jesus e que sirvam para compreender a vida de uma mulher negra pioneira como um marco histórico. Essa dissertação utiliza sua biografia como elemento fundante para pensar as Ciências, a formação de cientistas negras, a história da educação de mulheres negras, a formação para o Ensino Superior e a Educação em Ciências.

Palavras-chave: Mulheres negras nas ciências. Pesquisa narrativa. Colonialidade. História de Vida.



## ABSTRACT

This research about a scientist's black women in science is a fundamental part of women history and the science history. Today, beyond seek to talk and insert on university speeches about the history of pioneer black women, there is a interest in contemporaneous search of scientist's black women, your life's and trajectory. This dissertation it's about history research and biography narrative, with a purpose of show the black woman and your academic path to becomes a PhD on chemistry from Bahia, Djane Santiago de Jesus and relate possibles interlacement narratives with a other black woman academic path on different history moments but, that intersect each other. In this context that research provides as of a methodologic speeches and life story, using a *escrevivência* living as a device to articulated the lives of researcher – researched. Will be used documental sources and interviews as an objective of identify colonialities related to breed, gender and stratum that can be present on life story of Djane Santiago de Jesus and serves for understand the life of this forerunner black woman like a milestone. This dissertation using your history as a fondant element to think about sciences, training of black scientists, the history education of black women, training for college and science education.

Keywords: Black women in sciences, Narrative research, Colonialities, History life.

## 1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a discussão acadêmica centrada em narrativas históricas de mulheres negras nas ciências não é recente e a representação de mulheres nos cursos de Física, Química, Matemática e Biologia, está aumentando, e, acrescentando a categoria racial, para as negras, a representação torna-se ainda menor quando se aumentam os níveis acadêmicos (graduação, mestrado e doutorado) (Melo, 2008; Pruza, *et al.*, 2019; Proença, 2019; Souza, *et al.*, 2019; Rosa, 2015; Patrocínio, *et al.*, 2020).

Essa dissertação trata-se de uma pesquisa histórica e biográfico-narrativa, que aborda a trajetória acadêmica de Djane Santiago de Jesus, a primeira mulher negra a doutorar-se em Química na Bahia e relaciona, a partir de relações coloniais, alguns acontecimentos de sua vida, com a trajetória acadêmica da autora dessa dissertação, outra mulher negra professora de química, em diferente momento histórico, logo, compreende a vida de uma mulher negra pioneira como um marco histórico utilizando de sua biografia como elemento fundante para pensar as Ciências, a formação de cientistas negras, a história da educação de mulheres negras, a formação para o Ensino Superior e a Educação em Ciência.

O presente estudo dedica-se a fortalecer as discussões sobre a mulher negra na ciência, tendo como enfoque geográfico a capital baiana, visto que Djane Santiago de Jesus, a primeira doutora negra em Química na Bahia, foi titulada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), no campus de Salvador.

Segundo Hildete Pereira de Melo e Lúgia Rodrigues (2006), a carreira científica foi e ainda é um espaço de poder. E é nesse sentido que as categorias raciais e de gênero, construídas socialmente, a partir de uma ótica colonizadora, propõem a carreira científica como um espaço de poder, hierarquizante, predominantemente masculino e branco (Dimenstein, *et al.*, 2020). Visto que, socialmente, o homem branco cis possui relação de poder dentre as diversas classificações das identidades raciais e de gênero (Lugones, 2014). Esse fato reflete a baixa representatividade de mulheres negras na atividade científica, além de que, à medida em que se elevam os níveis de carreira na ciência essa representatividade diminui (Patrocínio, 2020). Coadunando com essas ideias, Leandra Cunha (2021), conclui que

dentro das universidades, locais onde se produz a maior parte da ciência brasileira, as mulheres enfrentam diversos fatores que dificultam e invisibilizam suas trajetórias, oriundos do machismo e sexismo arraigados em nossa sociedade. Se esse percurso já é tortuoso para mulheres brancas, para as mulheres negras essa trajetória é cercada por muitos outros obstáculos (Cunha, 2021, p. 4).

Esses fatores que dificultam e invisibilizam suas trajetórias, mencionados por Cunha (2021), seriam obstáculos advindos a partir do processo de colonização? Esses obstáculos relacionam-se com a colonialidade. Sendo que a colonialidade, se relaciona com um padrão de poder, que se reflete nas relações interpessoais, na construção de conhecimento, nas formas de trabalho, nos tipos de linguagens, em subjetividades e classificação de sujeitos, de modo a manter determinadas formas de subordinação e dominação surgidas no período do colonialismo (Maldonado-Torres, 2007). Logo, seria possível, a partir da trajetória acadêmica de uma mulher negra, traçar os entrelaçamentos referentes às colonialidades do ser, poder, saber e de gênero? Essas foram as indagações que direcionaram a minha trajetória de pesquisa.

Em 2013, Luzinete Simões Minella analisou estudos destinados a discutir representatividade dentro da área de gênero e ciências no Brasil, além de refletir sobre a interseção entre gênero, raça/etnia nas produções científicas brasileiras, e propôs um panorama de como ocorre essa abordagem, classificando-a em três tendências: a primeira delas abrange as análises sobre a participação das mulheres na academia, acesso ao ensino superior, às carreiras científicas, à produção científica e às associações; a segunda tendência é a crítica à ciência, reflexões sobre o gênero na ciência, análises sobre os impactos da ciência e das tecnologias sobre o trabalho e a saúde das mulheres, e a última seria relacionada à História e trajetórias de cientistas e viajantes (Minella, 2013). Ao final de sua análise, a autora observou que há “ausência, entre os estudos abordados, de análises que coloquem as questões raciais no centro do debate” (p. 126), inclusive evidencia a não problematização ao fato de que as cientistas pioneiras sejam, em geral, brancas e oriundas de famílias de imigrantes europeus (Minella, 2013). Nesse sentido, revelar o pioneirismo científico de uma mulher negra é extremamente necessário para contribuir com os estudos que colocam as questões raciais e de gênero no centro da problematização.

No entanto, Leandra Cunha (2021), afirma que, após o ano de 2008, as pesquisas sobre cientistas negras, suas descobertas e contribuições ganharam ênfase no Brasil. O aumento de pesquisas sobre essas cientistas pôde ser observado também com o crescimento de pesquisas que abordam questões raciais e de gênero, pelo menos, no Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da UFBA/UEFS. Ao comparar os editais referentes aos processos seletivos de alunos regulares entre 2019 e 2021 pode-se observar que a cada ano existiu, pelo menos, uma linha de pesquisa a mais que o ano anterior, e essas linhas de pesquisa evidenciam questões atreladas ao gênero e raça simultaneamente. Essa comparação foi realizada ao confrontar as descrições das linhas de pesquisa das e dos docentes orientadores/as nos editais mencionados. A análise foi realizada apenas entre os anos de 2019 a 2021, pois, em 2020, foi o ano que realizei a inscrição no Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da UFBA/UEFS, além do fato de ser um dado que me motivou a submeter um projeto de pesquisa sobre esse contexto na época, essa mesma análise não pôde ser realizada em 2022, pois no edital publicado não havia a descrição detalhada da linha de pesquisa por orientador (Salvador, 2018; Salvador, 2019; Salvador, 2020).

Mesmo assim, de acordo com Bárbara Pinheiro (2019) a produção nesta área não é muito vasta. Portanto, pesquisar sobre as mulheres negras na ciência tendo ênfase na questão racial é uma perspectiva relativamente nova, e por esta razão, sua discussão é de grande relevância para o meio acadêmico e educacional, uma vez que os dados a serem apresentados, ao decorrer desta pesquisa, poderão ser utilizados por docentes que atuam na educação básica evidenciando a presença de mulheres negras na ciência, suas contribuições e trajetória.

Durante o processo de revisão de literatura foi possível notar a existência de algumas pesquisas que possuem como objetivo abordar a trajetória de mulheres brasileiras na ciência e isto pôde ser observado em: Da Silva (2014); Da Silva, *et al.* (2018); Grossi (2016). Entretanto, quando se restringe ainda mais, quando trazemos o olhar para a questão racial (mulheres negras cientistas), este se torna um espaço relativamente recente em trabalhos acadêmicos. Nesta perspectiva tem-se o trabalho realizado por Bárbara Pinheiro (2018), que aborda a existência de cientistas negras, juntamente com as suas contribuições científico-tecnológicas, tendo como

referencial teórico a decolonialidade. Em outra pesquisa sobre a temática, Katemari Rosa (2015) relata a trajetória de seis mulheres negras ou afro-americanas, todas com Ph.D. em física. Destaca-se também o trabalho de conclusão de curso de Raquel Melo de Oliveira, em 2018, que discutiu a trajetória da primeira Química da Bahia (Nair da França e Araújo), primeira pesquisa que discute gênero e questões raciais na ciência que tive o prazer de poder estar presente na defesa, e o catálogo criado como produto da dissertação de mestrado da Caliane Costa dos Santos da Conceição, em 2021, que investigou como o racismo e o sexismo estruturais se interseccionam nas trajetórias de cientistas negras que atuam no Instituto Federal da Bahia (IFBA), campus de Salvador.

Evidenciar as narrativas da Professora Nair da França e Araújo, mulher negra e primeira química da Bahia (Oliveira, 2018), assim como a da Dra. Sonia Guimarães, mulher negra e primeira doutora em Física do Brasil, é de uma representação importantíssima, sendo um aspecto que contribui para inserir a trajetória de mulheres negras pioneiras na história das Ciências no Brasil, além de colaborar para influenciar jovens negras que queiram integrar o universo da ciência, pelo viés da representatividade (Pinheiro, 2020).

Confesso que, ao conhecer a primeira doutora negra em Química da Bahia, me senti representada e até mesmo influenciada pela sua narrativa. Além disso, evidenciar narrativas de pioneirismo de mulheres negras contribui para enfrentar uma sub-representatividade de pessoas pertencentes a esses grupos sociais, até porque a doutora Djane Santiago de Jesus nem sabia que foi a primeira química e negra a defender uma tese de doutorado na Bahia. Ela tomou conhecimento de seu pioneirismo durante o processo de entrevistas para essa pesquisa. Fato semelhante ao ocorrido com a Sônia Guimarães, somente após 20 anos depois de sua defesa, soube que foi a primeira brasileira negra com PhD em física (Rossini, 2021). Acredito que esses fatos podem ter ocorrido por circunstâncias associadas ao processo de colonização, que inferioriza as mulheres negras que têm acesso à pós-graduação, inclusive para aquelas que são as primeiras de seus países em suas áreas. Desse modo, a mulher negra que segue a vida acadêmica atravessa determinados graus de hierarquias advindas desse sistema colonizador. Nesse sentido, faz-se necessário a decolonialidade como referencial teórico, uma vez que as categorias de gênero e raça se manifestaram na colonialidade (Lugones, 2008). Para isso, a

pesquisa terá como referenciais de colonialidade: A colonialidade do poder, desenvolvida por Aníbal Quijano (2005), a colonialidade do ser, proposta por Nelson Maldonado-Torres (2007), a colonialidade do saber, elaborado por Edgardo Lander (2000) e a colonialidade do gênero, concebido por María Lugones (2008).

Essa proposta teórica nos leva ao objetivo dessa pesquisa que é narrar a história acadêmica e identificar quais foram as contribuições para a ciência de Djane Santiago de Jesus, a primeira doutora negra em Química na Bahia e os atravessamentos coloniais presentes em momentos de sua vida acadêmica por meio de uma pesquisa histórica e biográfico-narrativa. Os objetivos específicos da pesquisa são:

- Identificar a primeira mulher negra a concluir o curso de Doutorado em Química na Bahia;
- Investigar, por meio de entrevista, a trajetória de vida da primeira doutora negra em Química realizando paralelos com a minha trajetória de formação e pesquisa;
- Relacionar os possíveis atravessamentos coloniais (colonialidades do ser, poder, saber) que cruzaram a trajetória da primeira mulher negra a se tornar doutora em Química na Bahia;
- Determinar possíveis entrelaçamentos na minha trajetória acadêmica com a da pioneira.

Sendo assim, nesta pesquisa, duas mulheres negras contaram suas próprias histórias, afinal, narrar na primeira pessoa também é uma forma de romper com epistemologias eurocêntricas que corroboram com a história única pela qual somos vistas e narradas (Sanches, 2017). Além disso, é uma forma de diminuir as chances de cometer a colonização discursiva que se refere a uma determinada forma de apropriação, codificação da produção acadêmica e do conhecimento sobre as mulheres no terceiro mundo, tendo como base de categorização referências estadunidenses e europeias (Mohanty, 2008). Logo, a pesquisa trata sobre nós, sobre respeitar as nossas similaridades, individualidades e cada vivência abordada pelas mulheres aqui representadas. Nesse sentido, substituo mulheres negras como objeto de pesquisa por mulheres negras contando suas próprias histórias, portanto é também sobre a importância de localizar saberes e fazer ciência partindo do nosso lugar de fala, tendo como dispositivo para articular a vida de duas mulheres negras a

escrevivência cunhada por Evaristo Conceição (Xavier, 2019). A partir de uma breve narrativa sobre a minha trajetória, não apenas para determinar o meu lugar de fala, mas também porque em alguns momentos da análise, relaciono possíveis entrelaçamentos com a trajetória de Djane Santiago de Jesus. Duas narrativas de mulheres negras que passaram pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em épocas diferentes. Dessa forma, a pesquisa evidencia possíveis marcadores coloniais que atravessaram nossas vivências, bem como, determinar possíveis entrelaçamentos na trajetória de duas mulheres negras acadêmicas que resistiram a um sistema em que a sua capacidade intelectual foi questionada por aspectos que emergiram a partir da colonialidade (gênero e raça), portanto, o fato de concluir uma graduação e ingressar em um programa de pós-graduação já é uma forma de resistência.

Esse processo de escrita ocorreu a partir do dispositivo da *escrevivência* de mulheres negras que é o ato de escrita produzida pelas mulheres negras a partir de suas experiências e histórias particulares, que remetem a experiências vividas por uma coletividade que está profundamente ligada à memória, vivência e experiências de uma coletividade negra que nos é herdada, e por isso a *escrevivência* será utilizada para entrelaçar a trajetória de duas mulheres negras, no caso em questão, a minha, autora dessa dissertação, e a da Djane Santiago de Jesus (Evaristo, 2023). Portanto, essa dissertação refere-se a uma pesquisa narrativa e compreende a definição de Jean Clandinin e Michael Connely (2000, p. 20) que é “uma forma de entender as experiências” em um processo de colaboração entre a pesquisadora e a Djane Santiago de Jesus. Considerando também a importância do passado, presente e futuro o que revela a noção de continuidade combinados a uma situação histórica principalmente para as mulheres negras nas ciências (Clandinin; Connely, 2015). Portanto, contar a história de uma mulher negra não é apenas fazer o registro de uma história individual, mas também estabelecer interfaces entre uma vida, o contexto social de uma época e sobre o coletivo científico que a formou.

Esta dissertação está estruturada em 8 capítulos. Os referenciais teóricos foram organizados em dois capítulos, sendo o primeiro, que intitulei como “Eu sou um fruto da colonização?”, no qual traço uma linha de raciocínio que me fez entender e perceber que o gênero e a raça são categorias sociais hierarquizantes originadas a partir do processo da colonização e se eu sou uma mulher negra, essas

categorias, dissociadas ou não, irão me atingir em determinada medida, assim como poderão atravessar a vida de qualquer mulher negra, uma vez que essas categorias também contribuíram, e ainda contribuem, para subalternizar as mulheres negras. O capítulo 3 ainda é destinado a ser referencial teórico, intitulado como “Enfrentamento à Colonialidade”, diferencio colonização de colonialidade, e identifico que uma pessoa classificada como mulher, negra e acadêmica, pode ser atravessada pelas colonialidades do ser, poder, saber e de gênero. Como o fato de sermos mulheres negras professoras de Química (uma das ciências que de alguma medida está associada à relação hierarquizante de poder) eu e Djane Santiago de Jesus enfrentamos de certo modo alguns padrões sociais que inferiorizam as mulheres negras. Logo, admito que ambas não somos seres passivos frente a esses padrões impostos pela colonialidade.

No capítulo 4, apresento o percurso metodológico da pesquisa, que está dividido em três momentos. Sendo o primeiro momento destinado à busca pela mulher que abriu caminhos para que eu também trilhasse um rumo acadêmico, mesmo sem conhecê-la. O segundo momento refere-se à entrevista e transcrição das falas dela, a Doutora Djane Santiago de Jesus. O último momento envolve a análise de suas falas a partir de 5 categorias emergentes partindo da análise de suas narrativas.

Os resultados da pesquisa foram apresentados em 3 capítulos. No capítulo intitulado como “Sempre fiquei quieta e agora eu vou falar”. Me apresento e utilizo o dispositivo da escrivência para resgatar e refletir sobre minha trajetória acadêmica. O capítulo 6, evidencio a trajetória acadêmica da primeira mulher negra a tornar-se doutora em Química na Bahia, a Djane Santiago de Jesus trazendo trechos de suas narrativas ocorridas durante as entrevistas. No capítulo seguinte, o sétimo, apresentarei resultados referente sobre a análise das falas dessa pioneira a partir das categorias propostas de modo a relacioná-las com possíveis atravessamentos das colonialidades do ser, poder, saber e de gênero associando, quando possíveis com alguns momentos de minha vida e finalizo esse capítulo indicando os impactos, aprendizados, atravessamento que se deu em minha trajetória após o período de entrevistas e encerramento da pesquisa. Já no capítulo 8, apresento as considerações finais.



## 2. EU SOU UM FRUTO DA COLONIZAÇÃO?

Essa pesquisa vincula-se às categorias de gênero e raça, sendo o gênero uma construção histórica, social e cultural (Gomes, 2018). Portanto, o gênero não deve ser uma categoria universal, estável e descontextualizada (Curiel, 2007). Logo, a mulher negra será pautada de acordo com o feminismo decolonial, conceito proposto por María Lugones (2008), que problematiza a universalização e subordinação das mulheres apenas pelo seu gênero.

Em 2014, María Lugones compreendeu uma dicotomia central na modernidade ocidental entre o humano e o não humano, imposta sobre as/os colonizados/as a serviço do homem ocidental, incorporando dessa forma, relações de poder hierarquizantes, cabendo ao homem europeu, burguês ser o detentor do poder e apto a tomar decisões sobre a vida de qualquer ser classificado como não humano (povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as que eram classificados/as como espécies não humanas - como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens). Segundo a mesma autora, a mulher também era classificada como humana, no entanto, apenas aquelas que eram europeias, burguesas, detentoras de pureza sexual, passividade e que se apresentavam em um lar a serviço do homem europeu branco, ou seja, a serviço de um homem humano. Portanto, mesmo classificada como humana, a mulher branca encontrava-se também a serviço de um homem, logo cabia ao homem o topo dessa relação de poder (Lugones, 2014).

Já para a mulher negra cabia a função de ser "outro do outro" (Kilomba, 2019), uma vez que ela é uma mulher, mas não é branca, logo, a mulher negra ocupa um espaço de interseção entre duas categorias, pois é mulher e negra, também ocupava dupla desigualdade na sociedade supremacista branca, e por essa razão, habita um vazio, um terceiro espaço, pois a dissociação entre as perspectivas de gênero e raça propicia uma invisibilidade às mulheres negras em debates acadêmicos e políticos, para além disso, esta antítese de branquitude e masculinidade dificulta que a mulher negra seja reconhecida como sujeito, o seja, como humana (Kilomba, 2019; Lugones, 2011).

E é a partir daí que se tem o feminismo decolonial, obtendo assim, o gênero como elemento estruturante da colonialidade, como categoria criada pelo

vocabulário colonial, e que não faz propriamente parte das dinâmicas pré-coloniais (Lugones, 2008). Como em muitas sociedades ocidentais, o capital é uma forma de subalternização de pessoas e muitas a obtêm como meio de troca monetária do trabalho. As sociedades ocidentais obtêm formas de organização do trabalho por gênero e/ou raça.

Segundo Aníbal Quijano (2005), houve determinada imposição sistemática de divisão racial do trabalho. Nesse sentido os trabalhos que exigem força, são, de determinada maneira, mais ocupados por pessoas pertencentes a grupos de povos que foram colonizados em determinado momento histórico, já os trabalhos tidos como intelectuais, mais valorizados monetariamente, são normalmente, realizados pelos homens brancos, sendo que esses cargos são majoritariamente de chefia.

Desde o processo de escravidão, a mulher negra, muitas vezes é vista ocupando um papel de servir ao outro (hooks, 1995). Isso pode ser observado na distribuição do trabalho das técnicas em enfermagem brasileiras. De acordo com a Pesquisa Perfil da Enfermagem, realizada pela Fiocruz, por iniciativa do Conselho Federal de Enfermagem em 2017, cerca de 53% das técnicas em enfermagem são pretas ou pardas (Machado, 2017, p.181). Ainda seguindo o imaginário de que a mulher negra é nascida para servir, no Brasil cerca de 80% das trabalhadoras domésticas são negras (Xavier, 2019). Portanto, é possível que ainda prevaleça a dicotomia dominação/exploração, neste caso, raça/trabalho, gênero/trabalho articulado de modo aparentemente natural (Quijano, 2005). Além disso, evidencia também a necessidade da intersecção de raça e gênero, mais especificamente, mulheres negras no mundo do trabalho e na ciência. Por essa razão, faz-se necessário evidenciar a trajetória de mulheres negras a partir de suas contribuições, afinal, somos potentes em diversos níveis, inclusive acadêmicos.

Segundo bell hooks (1995, p. 470), “coletivamente as mulheres negras internalizam a ideia de que devem estar sempre prontas para atender quer queira quer não a necessidade de outra pessoa”, por outro lado, as mulheres que decidem seguir o caminho acadêmico, o qual costuma ser solitário por exigir momentos de reflexões e escrita muitas vezes individuais, tendem a seguir caminho contrário ao estabelecido a esse gênero e grupo racial, por isso podem passar por um processo complexo de desestabilização do imaginário de “nascidas para servir” por essa razão faz-se importante o estudo de mulheres negras acadêmicas (Xavier, 2019, p. 89).

Jussara Dias (2014) também sinaliza a marginalização da mulher negra pela ciência. Analisando as abordagens sobre gênero e relações étnico raciais na história da ciência, em seu artigo, a autora também aborda que a identidade da mulher negra é construída como inferior tanto em aspectos intelectuais, quanto em aspectos relacionados à beleza física, também revela a necessidade de assumir a identidade da mulher negra de forma positiva (Jussara, 2014). Logo aqui, irei relatar trajetórias não apenas pautadas no sofrimento ou dor, mas é necessário evidenciar também as conquistas, as felicidades e os enfrentamentos às colonialidades da Doutora Djane Santiago de Jesus assim como os meus. Porque embora tenhamos momentos de tristezas e de muita luta, nós também temos o que festejar. Até porque o fato de termos concluído pelo menos uma etapa do ciclo acadêmico em uma universidade pública já é uma conquista a ser festejada por nós. Ainda mais se levarmos em consideração que a ciência da qual nos graduamos (Química) é vista em um lugar de poder, e muitas das vezes esse poder está atrelado a um homem branco. Ou seja, nós duas conseguimos, de algum modo, romper com o estereótipo de cientista sendo um homem branco, uma vez que somos cientistas e mulheres negras. Nesse sentido, o gênero não é a única categoria imposta após a colonização que nos atravessa, a raça também é outra categoria que nos perpassa.

## **2.1. RAÇA**

Segundo Kabengele Munanga (2004), o conceito de raça possui dimensão temporal, categorizante, hierarquizante, espacial e ideológica, desenvolvida a partir de critérios (morfológicos, cor de pele e químicos) que determinam certo grau de semelhanças e diferenças na tentativa de explicar a diversidade da humanidade. Temporal, pois o significado do termo foi se modificando ao longo do tempo, uma vez que inicialmente era utilizado na zoologia e botânica e, posteriormente, foi utilizada para distinguir determinados grupos sociais por diferenças fenotípicas (Maldonado-Torres, 2007; Munanga, 2004; Quijano, 2009). Categorizante, pois foram criadas diversas raças e sub-raças. No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE) traz pelo menos cinco (branca, preta, parda, indígena ou amarela) (Munanga, 2004; Guimarães, 2003). Hierarquizante, uma vez que foi atribuída à raça branca, a dominação e superioridade em relação aos não brancos (Quijano, 2009). Espacial, pois a depender do local, há a existência de subgrupos raciais diferentes, como por exemplo, a presença dos latinos nos Estados Unidos, uma vez que neste local, a raça é um conceito nativo classificatório (Guimarães, 2003).

Os critérios morfológicos seriam os critérios que eram possíveis serem vistos na região da face, como por exemplo, o formato do nariz e lábios. Já, os químicos, seriam derivados de substâncias presentes no sangue (marcadores genéticos) utilizados para determinação de raças variáveis (Munanga, 2004).

A raça serviu, e ainda serve, para legitimar as relações humanas de superioridade e inferioridade entre grupos dominantes e os dominados, genocídios, holocaustos, escravização, prisão de inocentes. Na medida em que os povos conquistados foram postos “naturalmente” como inferiores, conseqüentemente, seus traços fenotípicos, conhecimentos e cultura também foram subalternizados (Quijano, 2005). De modo que nos séculos XVIII e XIX, não havia dúvida quanto a hierarquização social que indicava aos brancos europeus o maior grau de intelectualidade, existindo assim, uma escala intelectual da qual os homens brancos europeus estavam no topo, logo abaixo os indígenas e os negros abaixo de todos os outros (Wesolowski, 2014).

Não muito distante, no ano de 2019, foi divulgado o documentário *Decoding Watson*, que aborda um pouco da vida de James Watson, homem branco que se autointitula como cientista e um dos ganhadores do Nobel de medicina de 1962, tendo o prêmio sido obtido por ele ser um dos cientistas que identificaram a estrutura de dupla hélice do DNA (American, 2019). Em 2019, aos 90 anos, James Watson continuou afirmando durante o documentário que “Entre os brancos e os negros existem diferenças nos resultados dos testes de inteligência. Eu diria que a diferença é genética”, portanto, mesmo após a repercussão negativa de suas primeiras afirmações racistas, que ocorreram em 2007 durante uma entrevista, da qual afirmou que os africanos eram menos inteligentes que os europeus, James Watson continua acreditando que suas falas são baseadas no que considera ser cientificamente correto, quando acredito que, na verdade, essas falas podem ser fruto de sua visão de mundo, na qual acredita na categorização social determinada para emergir uma

hierarquização humana, baseada em critérios raciais, do qual cabe ao homem branco ser o detentor de inteligência e a todos os outros não brancos à inferiorização e até mesmo opressão (American, 2019). Visto que a diferença nos testes de inteligência poderia facilmente ser expressa pela diferença do meio em que vivem, do processo de ensino e aprendizagem, quantidade de insumos (alimentação, infraestrutura, entre outros) à disposição desses indivíduos, uma vez que não houve o reconhecimento de que raça é uma construção social. Culpabilizar a diferença desses tipos de testes à raça, inferiorizando os negros, reforça a teoria de inferioridade negra. E pode ser descrito como o que Ijeoma Opara (2022) denomina como uma forma de drapetomania<sup>1</sup> moderna, mas na verdade entendo como racismo.

Silvio de Almeida (2019) conceitua o racismo como uma “forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (Almeida, 2019, p.22). Racismo esse que se opera de forma sistêmica, em diversos ambientes, uma vez que é estrutural e institucional (Almeida, 2019). O racismo está na base das relações interpessoais, logo, está inserido na estrutura social sendo as instituições uma materialização das estruturas sociais ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos (Almeida, 2019).

Ao considerar que a Ciência ocidental é formada por pessoas, essas podem materializar as estruturas sociais na Ciência, então pode-se inferir que a Ciência de algum modo pode ser racista, visto que alguns membros que a constituem levam consigo suas visões de mundo, mesmo que de forma inconsciente. Até porque a Ciência já foi utilizada para legitimar o racismo na tentativa de uma racionalização. Não à toa que a drapetomania, eugenismo, o colonialismo, *apartheid* e diversas outras teorias e ideologias surgiram de modo a atribuir ao negro o caráter de inferioridade. Logo, alguns filósofos e cientistas, a partir do discurso de autoridade atribuído à Ciência, que assume verdades universais, contribuíram para a legitimação do racismo (Almeida, 2019).

Além disso, algumas mulheres negras cientistas, como por exemplo Alice Augusta Ball e Katherine Johnson tiveram suas vidas entrelaçadas, de alguma

---

<sup>1</sup> A drapetomania em 1895 foi identificada como uma patologia da qual apenas se manifestava em pessoas escravizadas, uma vez que era uma doença de escravos fugitivos (Willoughby, 2018).

maneira, por situações relacionadas à inferiorização das mulheres negras. No caso da Alice Ball, o seu trabalho sobre o desenvolvimento de métodos para isolar os princípios ativos do óleo de chaulmoogra foi apropriado e patenteado por um cientista branco, sem sequer dar os créditos a Alice Ball (Jacobson, 2020). Já Katherine Johnson fez parte de uma equipe de mulheres negras que trabalhavam no Centro de Pesquisa Langley, em Virginia, nos Estados Unidos, onde se dedicaram a fazer cálculos para o lançamento de sondas e foguetes, no entanto, apenas os engenheiros assinavam a autoria das pesquisas e dos cálculos, mesmo que tivessem contado com a colaboração de mulheres (Galileu, 2020).

Portanto, a raça será tratada como uma construção social que serve para instrumento de classificação, que legitima o sistema de dominação e exploração humana (Quijano, 2005). Sendo a superioridade justificada em relação aos graus de humanidade atribuídos às identidades raciais. Quanto mais clara a cor da pele maior o grau de humanidade. Mas como é possível amar uma raça da qual pode ser diariamente hostilizada, marginalizada e inferiorizada? Para tentar respondê-la se faz necessário evidenciar a luta do movimento negro no Brasil para a ressignificação política do termo raça, principalmente em Salvador, capital que possui a maior quantidade de negros fora do continente africano e lugar de interesse para a pesquisa, uma vez que a capital baiana sedia o campus da UFBA.

Diante do exposto, gênero e raça serão tratados como categorias sociais ocidentais, criadas após o processo de colonização que se mantém até os dias atuais (Dimenstein, *et al.*, 2020). Nesse sentido as mulheres negras podem ser atravessadas por algum “ranço” do colonialismo, ou seja, por algum grau de colonialidade.

Embora eu seja uma mulher negra, da qual faço parte de um grupo racial que foi e ainda é inferiorizado em diversas dimensões, devido a criação das categorias de gênero e raça, infiro que eu não sou fruto da colonização, eu não me reduzo a apenas essas categorias das quais me desvalorizam socialmente, por essa razão, o próximo capítulo intitula-se enfrentamento à colonialidade.

### 3. ENFRENTAMENTO À COLONIALIDADE

A noção de decolonialidade inicia-se a partir da negação da colonialidade, portanto, nega o fato do processo de colonização (colonialismo) ter se findado a partir do momento em que determinado espaço geográfico deixou de ser colônia de determinada nação.

É importante ressaltar que o colonialismo não possui o mesmo significado da colonialidade. O colonialismo refere-se ao processo geopolítico e econômico de poder em detrimento de povos e nações (Maldonado-Torres, 2007). Portanto, designa o ato de colonizar a

imposição de um padrão cultural, epistemológico, de crenças, valores e normas, com o intuito de dominar acima de tudo em seu aspecto cultural, simbólico, imaginário, cognitivo-afetivo e porque não dizer corporal (Figueiredo, 2009, p. 3).

Já a colonialidade, se relaciona com um padrão de poder resultante do colonialismo, à qual se reflete nas relações interpessoais, construção de conhecimento, formas de trabalho, tipos de linguagens, em subjetividades e classificação de sujeitos de modo a manter determinadas formas de subordinação e dominação (Maldonado-Torres, 2007). Em conformidade com o mencionado, Aníbal Quijano (2000) denota o colonialismo como um novo mecanismo para a manutenção do status quo, na composição de relações de poder entre pessoas de diferentes raças, sendo essa situação imposta de modo naturalizado pelas pessoas que possuem determinado grau de poder. Sendo assim,

La codificación de las diferencias entre conquistadores y conquistados en la idea de 'raza', una supuesta estructura biológica que puso a algunos en una situación natural de inferioridad con respecto a otros. Los conquistadores asumieron esta idea como el elemento fundamental y constitutivo de las relaciones de dominación que impuso la conquistados (Quijano, 2000, p. 202).<sup>2</sup>

Logo, a raça é elemento fundamental para a determinação de padrões resultantes do colonialismo para hierarquização social, por vezes foi naturalizada. Nesse sentido, a raça é pautada como um mecanismo para caracterização de

---

<sup>2</sup> A condição das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia da 'raça', uma suposta estrutura biológica que coloca algumas pessoas em uma situação natural de inferioridade em relação a outros. Os conquistadores assumem essa ideia como elemento fundamental e construtivo das relações de dominação que impõem aos conquistados (Quijano, 2000, p. 202, tradução própria).

peessoas, atribuindo o caráter de inferioridade a toda e qualquer pessoa não branca, logo, a mulher negra assume posição de subalternidade.

Sendo que colonialidade do ser contesta a dominação da imposição corporal, simbólica, cultural, afetiva e imaginária; a do saber contesta a dominação epistemológica, corporal, cultural e cognitiva; a do poder contesta acima de tudo as normas, valores, cultura; a do gênero contesta acima de tudo a classificação humana a partir da ideia de gênero ocidental, mas qual dessas colonialidades reflete na imposição de um padrão de crenças e religiosidade frente a outra? Seria importante a classificação para esse tipo de colonialidade? Podendo ser a colonialidade religiosa?

Para Edgardo Lander (2000), sempre será possível reconhecer novas formas de colonialismo, pois sempre terá camadas a serem descobertas, visto que

El eurocentrismo y el colonialismo son como cebollas de múltiples capas. En diferentes momentos históricos del pensamiento social crítico latinoamericano se han develado algunas de estas capas. Posteriormente siempre ha sido posible reconocer aspectos y dimensiones (nuevas capas de ocultamiento) que no habían sido identificadas por las críticas anteriores.<sup>3</sup> (Lander, 2000, p. 9).

Seria a colonialidade religiosa uma camada dessa cebola da qual ainda não foi revelada e discutida com maior profundidade? Alguns elementos religiosos estão apartados da discussão científica, mas podem estar presentes na vida de pessoas negras, mesmo não sendo objeto central desta dissertação é possível que emergam narrativas com essa temática. Ou seja, a colonialidade pode não se resumir às mencionadas anteriormente.

Segundo a teoria decolonial, a decolonialidade, nega o marco temporal de término do processo do colonialismo em determinados espaços geográficos, portanto, a colonialidade é uma sequela do colonialismo (Curiel, 2017). Defende-se que existem diversos tipos de colonialidade que persistem até os dias atuais, advindas por introyecciones subjetivas de elementos que determinam graus de subalternidades e superioridades em diferentes aspectos da sociedade. E essas hierarquizações por vezes foram determinantes para a valorização do trabalho

---

<sup>3</sup> O eurocentrismo e o colonialismo são como várias cebolas em várias camadas. Em diferentes momentos históricos do pensamento crítico social latinoamericano que revelam algumas dessas camadas. Consequentemente, sempre é possível reconhecer aspectos e dimensões (novas camadas que estavam ocultas) que não haviam sido identificadas pelas críticas anteriores (Lander, 2000, p. 9, tradução própria).



intelectual desenvolvido por pessoas do gênero masculino (hooks, 1995). Para além disso, a teoria decolonial propõe caminhos diferentes, problematizando a conservação de condições colonizadas, para promover a emancipação de todos os tipos de dominação, exploração e opressão, privilegiando o que é local, reconhecendo autenticidade cultural, política, econômica e ideológica de povos que por vezes foram marginalizados.

A partir de discussões acerca da teoria decolonial, surgiram o que eu classifico como variações de colonialidade: do ser, poder, saber e de gênero. Sendo que a colonialidade do poder, refere-se as relações de poder que se estabeleceram a partir do processo de exploração e dominação, inicialmente, entre os colonizadores e os povos colonizados a partir da ideia de raça associada a cor de pele e traços fenotípicos dos colonizados, revelando uma inferioridade natural aos negros, índios e mestiços (Quijano, 2005; Maldonado-Torres, 2007). Logo, a ideia de raça foi uma maneira de normatizar e legitimar as relações de inferioridade e superioridade que já existiam e eram impostas na sociedade pelos colonizadores, ou seja, esta ideia de raça foi um argumento para a manutenção do *status quo* de dominação social, uma vez que possuir o nariz arredondado, cabelos cacheados ou crespos, tom de pele não branca e diastema (espaço que se forma, geralmente, entre um ou mais dentes da região frontal e superior) eram e ainda são traços fenotípicos, naturalmente de povos negros e indígenas (Quijano, 2005). Pessoas que pertencem a esses grupos eram tidas como um ser que possui desprovimento natural de beleza humana, não à toa que existe a seguinte frase: “Negra bonita, porque tem traços finos”, ao analisar esta frase entendo que o fato de possuir “traços finos”, características fenotípicas correspondentes a de europeus, torna uma mulher negra bonita. Há também outra frase: “Você tem uma beleza exótica”, para determinar que a beleza da mulher negra é algo diferente, que foge de um padrão eurocêntrico.

Em 2008, Lugones insere a categoria de gênero na decolonialidade evidenciando o gênero como uma categoria construída a partir da colonização, uma vez que a diferença de gênero foi introduzida, onde antes não existia, para determinar grau de poder e subordinação em todos os aspectos da vida entre os humanos, que por muitas vezes provoca silenciamento, repressão e apagamento histórico do conhecimento adquiridos pelas mulheres brancas ou não brancas determinados pela colonialidade de gênero, proposto pela filósofa María Lugones

em 2008, a qual não se limita gênero à organização do sexo de acordo com a biologia reprodutiva.

A mulher negra, após o processo de colonialismo, foi extraída dos cargos de liderança e quando resolve trilhar um caminho acadêmico, acaba indo de encontro à ideia de desqualificação da mulher. A primeira doutora em química na Bahia, ao alcançar o título de doutora, assume em algumas relações, uma posição de poder e reconhecimento, muitas vezes frente a um homem, o que reiteradamente foi negado às mulheres.

Ainda de acordo com María Lugones, intelectual que investiga a interseção entre raça, gênero e sexualidades, as mulheres negras além de sofrerem a colonialidade do poder também são vítimas da colonialidade de gênero (Lugones, 2008).

A consequência semântica da colonialidade do gênero é que "mulher colonizada" é uma categoria vazia, pois toda mulher necessariamente precisa ser classificada como um humano, entretanto, os seres colonizados são classificados como não humanos, logo, nenhuma mulher é colonizada; nenhuma fêmea colonizada é mulher (Lugones, 2014). Assim, a resposta colonial a Sojourner Truth em "*Ain't I a woman?*", discurso feito na *Women's Rights Convention* em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 29 de maio de 1851 é, obviamente, "não".

A colonialidade do ser, embora tenha sido cunhada por Walter Dignolo, foi fundamentada por Maldonado Torres (2007), e refere-se às experiências vivenciadas, principalmente, por pessoas de grupos que sofreram o processo de inferiorização, reveladas na colonização, assim como seus impactos na linguagem. Logo, a partir dessa colonialidade pode-se estudar os efeitos sobre as experiências vividas não apenas na mente dos sujeitos inferiorizados, mas também em aspectos externos à sociedade. A colonialidade do ser, produz relações desiguais entre subjetividades humanas, e aqui iremos focar nas mulheres negras, que foram e são classificadas como diferentes, dispensáveis, inferiores e até mesmo desumanizadas (Maldonado-Torres, 2007). Portanto, refere-se às experiências vivenciadas por indivíduos pertencentes a grupos sociais subalternizados racialmente, que podem sofrer experiências ameaçadoras, hostis, agressivas, intimidadoras, que por vezes são normalizadas, como por exemplo, a estereotipização do homem negro ladrão,

da mulher negra como objeto sexual e da mulher negra forte que não necessita de afeto ou ajuda (Maldonado-Torres, 2007).

Mas a colonialidade do ser não se refere apenas à ocultação da singularidade do sujeito ou a um único horizonte pré definido, mas também à violação do sentido da alteridade humana, podendo corresponder as microagressões e suas consequências, que podem atravessar corpos negros pelo simples fato de serem classificados como um grupo racial inferior, dispensável, por isso, são os destinatários legítimos de determinadas violências no Brasil e é nesse sentido que se obtém a invisibilidade e a desumanização desses grupos (Maldonado-Torres, 2007).

Já a colonialidade do saber, se relaciona com as epistemologias e as características da produção de conhecimento a favor de pensamentos coloniais (Maldonado-Torres, 2007). Determinando o saber europeu como o único conhecimento verdadeiro e avançado frente a todos os outros tipos de conhecimento, os conhecimentos não europeus são tidos como inferiores, por muitas vezes marginalizados. Essa perspectiva desconsidera a existência de outras racionalidades e formas de conhecer e interpretar o mundo, impondo uma dominação sobre o saber científico, ou seja, delimitando a ciência (Pinheiro, 2019; Quijano, 2005).

Grada Kilomba, na palestra “Descolonizando o Conhecimento”, que realizou em 2016 no Brasil discute as consequências da colonialidade do saber, principalmente a vivenciada por mulheres negras no mundo acadêmico, uma vez que também atinge quem produz o conhecimento científico tido como verdadeiro, visto que a sua pesquisa pode ser encarada sendo tendenciosa, não neutra (Kilomba, 2021).

Nesses ambientes acadêmicos, costuma haver certa demarcação histórica e filosófica em que tende a privilegiar determinadas narrativas, ao modo que as narrativas não europeias são pouco mencionadas nos ambientes acadêmicos (Kilomba, 2021).

No entanto, a mesma ciência que utilizou corpos negros como sendo seres da natureza ou até mesmo como cobaias para procedimentos extremamente invasivos sem utilização de anestesia (mesmo já tendo o conhecimento de substâncias anestésicas), em 2022, utiliza a Doutora Jaqueline Goes, que é uma mulher negra,

baina e cientista para um comercial de TV no Brasil. Vincular a imagem de uma mulher negra com *black power* em um laboratório de ciências, devido a sua importantíssima contribuição no mundo científico para a decodificação do genoma do coronavírus, é um avanço importantíssimo e necessário para enaltecer a ciências que também é constituída por mulheres negras cientistas até mesmo no tocante da representatividade.

Utilizar a decolonialidade em pesquisas sobre narrativas, proporciona a discussão sobre algumas configurações de poder existentes na humanidade, possibilitando a particularização das narrativas de grupos sociais que foram subalternizados, rompendo assim, com a reprodução da generalização negativa que perpassam as individualidades desses grupos. O intuito não é negar a epistemologia ocidental, mas sim, evidenciar e relatar a partir desta perspectiva fatos que ocorreram com mulheres negras, relacionando com o tipo de decolonialidade que poderia ocorrer.

Uma vez que a mulher é inferiorizada pela construção social de gênero e a mulher negra é também subalternizada pela classificação racial. A mulher negra acadêmica é também subjugada por seguir um caminho contrário ao estabelecido a esse gênero e raça. Diante do exposto, uma pessoa que é classificada como mulher, preta e acadêmica, pode ser atravessada pelas colonialidades do ser, poder, saber e de gênero, que a inferioriza devido às hierarquias desenvolvidas a partir do processo de colonização, logo, a pesquisa busca identificar determinadas colonialidades que perpassam pelas narrativas de duas mulheres que se enquadram nestas classificações sociais.

Entendo que eu como mulher negra, professora de Química em busca do título de mestra pela UFBA, devido ao fato de estar fazendo pesquisa científica, mesmo que inconscientemente estou enfrentando determinado grau de inferioridade estabelecido a mim pelas relações coloniais. Também acredito que a minha própria existência nesse ambiente já é um ato de enfrentamento às colonialidades, visto que a colonialidade se reflete nas relações de poder, de modo a classificar critérios de inferiorização de pessoas que pertencem a grupos sociais que já foram desumanizados, como por exemplo, as mulheres negras. Além do fato de enfrentar diversas relações coloniais em meus atos de docência, escrita, fala e nas relações

interpessoais, uma vez que não sou um ser passivo frente essas relações, não à toa que utilizo a decolonialidade como referencial.

#### 4. 4PERCURSO METODOLÓGICO

Em 1984, Lélia Gonzalez já percebia a necessidade de fazer emergir questões sobre as mulheres negras em uma perspectiva diferente da eurocêntrica. Logo, o construto teórico utilizado foi o decolonial, pois é uma das diversas perspectivas teóricas não eurocêntricas, além do fato de entender que a decolonialidade permeou durante todo o processo, desde a escolha das participantes da pesquisa, que tiveram suas narrativas apresentadas, até a escolha em utilizar, preferencialmente, mulheres não brancas como referências. Portanto, a mulher negra não foi tratada como objeto da pesquisa, mas também tem co-participação na produção do material, pois é um meio de evidenciar o conhecimento de pessoas que pertencem a um grupo racial da qual sofreu silenciamentos a partir de práticas coloniais, sendo este, ocorrendo a partir da utilização de um objeto (uso de máscara que impedia a fala de escravos) ou imaterial (silenciamento que ocorre sem utilização de objeto, mas através das interações interpessoais atrelados às relações de poder) (Kilomba, 2019; Xavier, 2021).

A pesquisa expõe experiências individuais de duas mulheres negras que ingressaram no curso de Química e em cursos de pós-graduação, ambos na UFBA, em épocas distintas. Além dessas similaridades apresentadas existem outras semelhanças que serão detalhadas nos próximos capítulos da dissertação.

Ambas tiveram suas vidas atravessadas por algum tipo de colonialidade, uma vez que as relações de poder no espaço acadêmico também perpassam por questões raciais e de gênero (hooks, 1995). Portanto, é interessante emergir quais foram essas colonialidades que surgiram durante nossas narrativas. Nesse sentido, a pesquisa possui natureza exploratória, uma vez que um dos intuitos decorreu do aprimoramento da ideia de que a mulher negra, cientista e acadêmica é atravessada ao longo de sua vida, por diversas colonialidades (Gil, 2007).

Fugindo da busca por generalizações, uma vez que o foco estava na singularidade das experiências individuais, o resultado não será representado como uma narrativa a qual deve-se ordenar cronologicamente, a narrativa será a forma de apresentação dos dados (Carvalho, *et al.*, 2021). Portanto, a narrativa é um instrumento da pesquisa, logo, é a centralidade dos dados obtidos, nesse sentido, foi utilizada como uma estratégia investigativa e posteriormente foi realizada a análise

via categorização da subjetividade humana capturadas a partir do processo da entrevista e análise das falas da Doutora Djane Santiago de Jesus (Oliveira, 2020; Santos, 2020).

Tendo a trajetória de vida baseada na perspectiva de Claudia Born (2021), como um conjunto de eventos/ acontecimentos que fundamentam a vida de uma pessoa, levando em consideração informações sobre o tempo, espaço, relações interpessoais, trabalho, formação profissional e acadêmica.

Para compreender a minha trajetória, utilizei da noção de escrevivência, termo cunhado pela Dra. Conceição Evaristo, como método de produção de conhecimento e de posicionalidade implicada (Soares; Machado, 2017).

A escrevivência, em meio a diversos recursos metodológicos de escrita, utiliza-se da experiência da autora para viabilizar narrativas que dizem respeito à experiência coletiva de mulheres. Portanto, escrever significa contar histórias particulares, que remetem a experiências vividas por uma coletividade a partir do meu lugar de fala (Soares; Machado, 2017; Ribeiro, 2017). Contudo, utilizei a escrevivência como um dispositivo no ato da minha escrita sobre as minhas vivências, uma vez que

a escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (Evaristo, 2005, p. 6).

Neste caso, eu, como mulher negra, coloquei em paralelo o tempo inteiro durante o processo metodológico, as minhas subjetividades, fatos da minha trajetória em Salvador que foram e são atravessados por relações coloniais. Escrever, significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreendeu existir um comum constituinte entre a mim e a Djane, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas (Soares; Machado, 2017).

Para além do exposto, de acordo com a Fernanda Felisberto (2021), escrevivência pode se configurar como uma alternativa viável para se romper com amarras das estruturas acadêmicas internalizadas, às quais determinam “regras”, para o momento de produção de um texto, muitas vezes, imposta como

consequência do processo de colonização. Por essa razão, faz-se necessário rever a colonialidade do saber presente em textos acadêmicos.

O percurso metodológico foi estruturado em três momentos. Sendo o primeiro momento, o da busca pela mulher que abriu caminhos para que eu também trilhasse um rumo acadêmico, mesmo sem conhecê-la. O segundo momento refere-se à entrevista e transcrição das falas dela, a Doutora Djane Santiago de Jesus. O último momento envolveu a análise de suas falas a partir de categorias fundantes da tríade das colonialidades do ser, saber e poder.

#### **4.1. PRIMEIRO MOMENTO**

Para a coleta de dados referente à busca da mulher pioneira, inicialmente foi realizada uma pesquisa documental e exploratória de modo a coletar o nome da primeira doutora negra em Química da Bahia (Gil, 2007; Triviños, 1987). Para isso, foram realizadas consultas em sites do Programa de Pós-Graduação em Química da UFBA (PGQUIM), Instituto de Química da UFBA (IQ), Repositório da UFBA, *Pergamum* e plataforma Lattes.

O curso de Doutorado em Química na UFBA, foi fundado no primeiro semestre de 1992, e inicialmente, formava pessoas doutoras apenas em uma área de concentração, a Química Analítica. Somente em 1998 houve a inserção de outra área de concentração (Química Orgânica) e atualmente possui as duas áreas de concentração (Fascio, Martins, 2017; Histórico, 2021).

De acordo com Jailson Andrade *et. al* (2003), em 2003 existiam 29 cursos de doutorado em Química no Brasil. Sendo que até o ano de 1997 só existiam 3 cursos de doutorado na região nordeste, cada um em três instituições distintas: UFBA, Universidade Federal do Ceará (UFC) iniciado em 1991 e o terceiro, criado em 1973, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tendo sido desativado entre os anos de 1983 e 1984, retornando as atividades apenas em 1989 (Brocksom, 1997).

Em 2015 existiam oito Programas de pós-graduação da Área de Química no Nordeste, sendo que apenas um ofertava doutorado na Bahia, mais especificamente, me refiro ao curso de doutorado em Química da UFBA (CAPES, 2015). Portanto, o curso de pós-graduação em química, nível doutorado mais antigo



da Bahia é o da UFBA, logo, a primeira tese em Química defendida por uma mulher negra na Bahia ocorreu em Salvador, já que ela se titulou em 1999, mas até chegar a essa conclusão é necessário informar o caminho que percorri.

A ideia inicial foi entrar em contato com o Programa de Pós-Graduação em Química da UFBA (PGQUIM) para obter dados relativos sobre essa pioneira, no entanto, diversas foram as tentativas de contato (email, visitas presenciais, *whatsapp*), porém não foi possível a obtenção desses dados, nesse momento.

A identificação dessa doutora, a partir da pesquisa documental, só foi possível após diversas consultas em sites do PGQUIM da UFBA, Instituto de Química da UFBA, Repositório da UFBA, e *Pergamum* da UFBA associado a informações da plataforma Lattes.

Segundo Mauro Braga (2002), menos de 10 alunos titularam-se na UFBA como doutores em Química nos anos 90 (Braga, 2002). A primeira pessoa a tornar-se doutora em Química pela UFBA é uma mulher, no entanto, não se enquadra no critério racial à qual a pesquisa possui interesse (Fascio; Martins, 201?).

Somente a partir de informações disponibilizadas no *Pergamum* da UFBA, pude obter os nomes de alguns dos autores de teses defendidas no Instituto de Química (IQ). Para isso, foi utilizado “Química” como palavra-chave associada ao filtro de “Teses”. Como resultado dessa pesquisa, tive posse de todos os nomes de autores e títulos de teses defendidas no IQ, disponibilizados no site do *Pergamum* da UFBA. Utilizando os marcadores sinalizados anteriormente, foi desenvolvido uma planilha em ordem cronológica de publicação das teses, contendo os seguintes marcadores: nome dos autores, gênero, quantidade de teses defendidas por ano e raça.

Na plataforma Lattes, foram realizadas as buscas dos Currículo Lattes, utilizando as bases de doutores disponibilizada pela plataforma, de todas as pessoas que possuíam nome social do gênero feminino presente na tabela criada por mim. A partir daí, foi possível identificar as mulheres socialmente brancas, por meio da foto disponibilizada no currículo Lattes da pessoa. É importante ressaltar que esse método utilizado, só ocorreu devido a diversas tentativas frustradas de comunicação com o colegiado de pós-graduação em Química.

A busca apenas pelas pessoas de nomes que remetem ao gênero feminino ocorreu devido ao fato de que os dados dos quais tinha acesso, até aquele

momento, não me forneciam a presença ou não de uma mulher trans que no período investigado ainda não estivesse utilizando o nome social, nesse sentido, naquele momento assumi o risco de não a incluir na pesquisa. Fato que poderia impactar no resultado final, uma vez que essa doutora poderia ter sido uma mulher trans que não obtinha seu nome social na sua tese.

Com base nesses dados, foi necessário determinar a quantidade de 24 teses defendidas até 2003, ano que foi possível observar, a partir da foto no Currículo Lattes, a imagem de uma mulher negra, a Doutora Luciene Santos Carvalho. No entanto, ao entrar em contato com a Doutora Luciene Santos Carvalho, a mesma indicou que não seria ela a primeira doutora negra em Química na Bahia, uma vez que em 1999 a Doutora Djane Santiago de Jesus obteve esse título na UFBA. Esse fato nos levou a insistir, ainda mais, em obter acesso aos dados do PGQUIM, pois nem todas as teses estavam disponíveis no site do *Pergamum* da UFBA. Portanto, para encontrar essa pioneira e ter absoluta certeza não conseguiria sem a parceria do PGQUIM, uma vez que a comprovação por meios oficiais no que tange à gênero, raça e ano de formação eram fundamentais.

Com base em dados fornecidos pela plataforma Sucupira no ícone “Dados e Estatísticas”, selecionando em dados abertos e clicando no conjunto de dados referente a “[1987 a 2012] Catálogo de Teses e Dissertações - Brasil”, é possível obter informações sobre as Teses e Dissertações da Pós-Graduação, consolidados a partir do Coleta CAPES, para os anos de 1987 a 2012. Esse documento possui informações sobre o ano de defesa, faculdade, área do conhecimento, autor e nível acadêmico das teses e dissertações defendidas no Brasil entre os anos de 1987 a 2012. Dessa forma é possível catalogar, a partir dos nomes das autoras e adicionando o filtro “UFBA”, a quantidade de mulheres que defenderam teses no Instituto de Química da UFBA em diversos anos. Logo, foi possível identificar, a partir desses dados obtidos que entre os anos de 1995 a 1999 seis teses foram defendidas por mulheres, sendo que a Djane Santiago de Jesus foi a quarta mulher a tornar-se doutora em Química na Bahia e a primeira mulher negra a obter esse título pela UFBA, o que ocorreu no dia 01 de julho de 1999. Sendo a identificação racial realizada a partir das fotos disponibilizadas pelas autoras na plataforma de Currículo Lattes.

No dia 16 de maio de 2023, em visita presencial da pesquisadora ao colegiado de Pós-Graduação em Química da UFBA, e após diversas tentativas para conseguir acesso aos dados referentes às teses defendidas entre os anos de 1996 a 1999 houve a confirmação do nome da primeira doutora em Química na Bahia. Esse intervalo de tempo (1996 a 1999) foi dado a partir de informações encontradas na pesquisa documental realizada na plataforma Sucupira e *Pergamum*, mencionadas anteriormente, à qual foi possível identificar que a primeira Doutora em Química na UFBA defendeu a sua tese em 1996, além do fato de que, até julho de 1999 apenas 5 pessoas tornaram-se doutores e doutoras em Química na UFBA. Para além disso, uma dessas pessoas desse período enquadrava-se nas categorias raciais e de gênero à qual a pesquisa está direcionada. Nessa visita, foi informada à pesquisadora que a mesma não poderia ter acesso aos dados do PGQUIM uma vez que os mesmos apresentavam dados pessoais sensíveis, protegidos pela Lei Nº 13.709/2018, também conhecida como Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), à qual dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural. Ainda de acordo com a Lei Nº 13.709/2018, artigo 5, inciso II, são dados pessoais sensíveis aquele “dado pessoal sobre origem racial ou étnica, convicção religiosa, opinião política, filiação a sindicato ou a organização de caráter religioso, filosófico ou político, dado referente à saúde ou à vida sexual, dado genético ou biométrico, quando vinculado a uma pessoa natural”.

No entanto, no artigo 4º, alínea c, da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais informa que essa lei não se aplica ao tratamento de dados pessoais para fins exclusivamente acadêmicos, para esse fim, aplica-se os artigos 7º e 11º, os quais informam que o tratamento de dados pessoais sensíveis pode ser realizado sem o consentimento do titular dos dados desde que seja indispensável para “realização de estudos por órgão de pesquisa, garantida, sempre que possível, a anonimização dos dados pessoais sensíveis”.

Vale ressaltar que a LGPD não estabelece qual deve ser o vínculo do pesquisador com o órgão de pesquisa, logo, eu sendo uma estudante de mestrado do PPGEFHC-UFBA/UEFS cuja pesquisa tem como um dos objetivos saber quem

foi a primeira doutora negra em química a formar pela UFBA, necessitaria de informações sobre a origem racial das mulheres formadas no programa (Santos; Jacobs, 2022).

Diante desse impedimento, um funcionário do colegiado realizou uma pesquisa na base de dados do colegiado do PGQUIM, o qual foi possível confirmar que a quinta dentre as cinco teses defendidas entre 1996 a julho de 1999, foi a primeira mulher negra a tornar-se doutora em Química na UFBA.

Vale a pena ressaltar outras dificuldades enfrentadas durante essa etapa da pesquisa:

- Não divulgação de autores e autoras, teses ou títulos dos mesmos em sites vinculados ao Instituto de Química ou colegiado de pós-graduação.
- Dificuldade de comunicação com o colegiado de pós-graduação em química, mesmo após diversas tentativas por email, telefone, *whatsapp* e idas ao colegiado.
- A pandemia de COVID-19, que fechou as instituições de ensino brasileiras em março de 2020, primeiro mês de aula na pós-graduação. As aulas só retornaram meses depois e integralmente remotas. Como se não bastasse conciliar o trabalho com o estudo, também foi necessário driblar os desafios atrelados à pandemia encarados pela mestranda (doença de familiares, medo, desânimo, ansiedade, consequências físicas e cognitivas da COVID-19).

#### **4.2. SEGUNDO MOMENTO**

A escolha em construir momentos de escuta e partilha no formato de entrevista, emergiu da negação em tratar as falas da entrevistada como um mero dado da pesquisa. Pois, acredito que seja fundamental que esse momento seja descontraído, leve e de excelentes trocas.

A entrevista foi um meio de se obter informações sobre a pioneira da qual esse texto se debruça, pois está focada em suas falas, “no modo como ela observa,

vivência e analisa seu tempo histórico, seu momento, seu meio social” (Batista, 2017, p. 27).

O momento de escuta e partilha de narrativas ocorreram na entrevista por meio da história oral, a qual foi registrada através da gravação em vídeo, pois é um meio de se fazer emergir relatos de pessoas pertencentes a grupos que foram inferiorizados, logo, é uma forma de fortalecer as falas negras como produtoras de conhecimentos e saberes, rompendo com a construção social de educação ou correção pelo silenciamento (Pereira, 2018). Para além disso, segundo Pinto (2015, p. 64), “é uma das técnicas mais apropriadas para o estudo de trajetória de vida que possibilita a construção de biografia individual” imbricada com o conceito de memória. Nesse sentido a biografia trata-se da interpretação subjetiva de experiências individuais, ou seja, é uma exposição que leva em conta a subjetividade de quem interpreta a trajetória de vida de um indivíduo (Born, 2001).

Uma vez que o foco foi a trajetória acadêmica, a memória foi um dos principais alicerces da entrevista. Para além do exposto, a escolha em se fazer a entrevista também foi devido a essa modalidade proporcionar uma compreensão do mundo da vida da entrevistada (Batista, 2017).

As entrevistas ocorreram em dois encontros online. Mesmo tendo a consciência de que presencialmente poderia ser mais assertiva na observação de seus comportamentos gestuais (como por exemplo, o balançar das pernas) e no estabelecimento da relação interpessoal entre as envolvidas nesse processo, pois, acredito que nem sempre é possível o estabelecimento de vínculos quando se tem uma tela entre as envolvidas. Para além disso, as entrevistas online possuem algumas potencialidades como a facilidade de agendamento, flexibilidade, conveniência, uma vez que não foi necessário ocorrer nenhum tipo de locomoção por parte da entrevistadora e entrevistada, o que pôde aumentar a possibilidade de agendamentos, sendo que a entrevista pôde ocorrer de qualquer lugar geográfico, desde que se tenha acesso a internet (Damasceno, 2014).

Tendo em vista que foi fundamental o estabelecimento de um clima descontraído de conversa, até porque, em alguns momentos, surgiram temas dos quais, para muitos, não são tão fáceis de se conversar, como por exemplo, situações que a doutora tenha sofrido racismo, preterimento ou teve a sua capacidade intelectual duvidada por questões raciais.

Mesmo ciente das possíveis limitações de uma entrevista online, essa modalidade de entrevista foi a que proporcionou maior quantidade de encontros devido a sua flexibilidade, uma vez que ao longo do período de agendamento de entrevista, foi necessário a remarcação devido a diversas questões, além disso os dias e horários dessa etapa foram em momentos confortáveis da rotina da pioneira, mas que também coincidiram com a disponibilidade da entrevistadora.

Durante esse momento, foram utilizados recursos audiovisuais (gravação de áudio e imagem), pois as mudanças na entonação da voz e silenciamentos puderam ser capturados, algo que também foi relevante para a pesquisa.

As entrevistas foram estruturadas como do tipo entrevista aberta, pois permitiu explorar um assunto de forma aprofundada e compreender o passado. Desse modo, inicialmente, almejava-se a realização de, no mínimo três, entrevistas, sendo que em cada um dos três momentos teria um tema distinto. O primeiro dia de partilha teve como tema o processo de formação educacional. O segundo tema da entrevista, abordado em dia distinto da primeira partilha, tinha como pauta as relações de poder que se estabeleceram em sua vida, como por exemplo, algum papel de liderança que a mesma exerça ou tenha exercido. No último dia de encontro o tema seria sua história de vida no que tange a sua vida pessoal, relações interpessoais entre amigos e familiares. Essa ordem de temas em iniciar com a vida profissional e finalizar com suas relações interpessoais se deu por meio de que, provavelmente, nos últimos momentos de troca frente a entrevista, talvez se estabelecesse maior familiaridade da doutora frente a esses momentos com a autora do texto.

No entanto, a pesquisa foi concluída em duas entrevistas, devido ao período de conclusão do curso, associado ao fato de que a etapa para obtenção da confirmação do nome dessa pioneira, através do PGQUIM da UFBA tenha ocorrido em um longo espaço de tempo, restando poucos meses para contactá-la, entrevistá-la, analisar suas falas, entrelaçar a sua trajetória com a minha, considerar o período de escrita, além do fato que em todo esse período fui uma pesquisadora que precisava trabalhar para manutenção de minhas despesas básicas. Esses fatores influenciaram para a redução na quantidade de entrevistas inicialmente pensadas, mesmo assim atingi o nível desejo de compreensão da trajetória acadêmica da Djane.

A primeira entrevista ocorreu no dia 8 de junho de 2023, feriado de *Corpus Christi*. Iniciada às 10h43min da manhã, tendo como meio a plataforma *Google Meet*. Com duração de 46 minutos e 42 segundos, esse momento de partilha foi rico em memórias e trocas, sendo disponibilizado no anexo A desta dissertação. Por ter sido o primeiro momento que nos vimos, antes de iniciar a gravação conversamos sobre o quão importante foi o aceite de participação da pesquisa e quão inesperado foi para a Djane saber que foi a primeira mulher negra a se tornar doutora em Química na Bahia.

A segunda entrevista iria ocorrer no dia 2 de novembro de 2023, no entanto, por questões de saúde da entrevistada, precisou ser remarcada para a semana seguinte. Esse segundo momento de partilha, ocorreu no dia 9 de novembro de 2023, das 20h50min às 23h30min, tendo como foco a carreira profissional da doutora Djane Santiago de Jesus, assim como o de elucidar possíveis dúvidas surgidas a partir da primeira entrevista. Essa segunda entrevista está disponibilizada no anexo B desta dissertação.

### **4.3. TERCEIRO MOMENTO**

A transcrição das entrevistas foi realizada pelo *Google Docs*, e posteriormente foram efetuadas a leitura e escuta dos vídeos para iniciar o processo de análise das falas dessa pioneira, para que dessa maneira fosse possível estabelecer as relações coloniais que atravessaram à sua trajetória.

Durante o processo de análise foram utilizadas categorias emergentes que surgiram a partir das falas da Djane, atrelando-as com as colonialidades do ser, poder e saber, que também foram analisadas em paralelo com minha própria trajetória.

Nesse sentido, é importante destacar a escrevivência como um dispositivo metodológico utilizado ao entrelaçar a trajetória de duas mulheres negras, à qual coloca em perspectiva a dicotomia entre pesquisadora/pesquisada, assumindo o discurso de mulheres negras na primeira pessoa (Soares; Machado, 2017).

Para iniciar a análise das narrativas, utilizou-se a categorização após a leitura das transcrições. Segundo Gomes (1994), a palavra categoria, em geral, se refere a

um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si (p. 70). Logo, buscaram-se elementos e aspectos que se relacionam entre si com o objetivo de identificar as possíveis colonialidades presentes em momentos da vida acadêmica da primeira doutora negra em química na Bahia, através da categorização.

Como as respostas da Doutora Djane foram o suporte para a criação das categorias a serem analisadas, ou seja, elas foram criadas a partir dos momentos de partilha e troca entre as duas mulheres cuja trajetória estão sendo aqui mencionadas e trazem elementos que relacionam com as colonialidades do ser, poder e saber em suas trajetórias, portanto, trata-se de categorias emergentes, que de acordo com Bartelmebs (2013):

As categorias que surgem no decorrer da análise, ou emergentes são categorias que emergem dos dados, isto é, são novidades que criamos a partir de leituras anteriores, bem como do confronto com os dados que se apresentam (p. 4).

Foram construídas, cinco categorias que se relacionam com as categorias de raça, gênero e/ou colonialidade do ser, poder e saber. As cinco categorias subsidiaram a análise das falas da Djane a partir do exemplo prático proposto por Bartelmebs (2013) que estão dispostas no quadro abaixo:

**Quadro 1:** Apresentação das categorias, objetos de análise, temáticas ou questões abordadas e os atravessamentos coloniais que estão relacionados.

Categorias	O que se analisou	Temáticas ou Questões abordadas	Relaciona-se com qual ou quais atravessamentos coloniais?
Priorização do trabalho intelectual não	Como as relações coloniais impactam na escolha em se realizar um trabalho intelectual/acadêmico durante a graduação e mestrado.	Trajetória acadêmica	Questões raciais e de gênero



Eu sou tímida?	Como as experiências vivenciadas por indivíduos pertencentes a grupos sociais subalternizados racialmente, nesse caso, essas mulheres negras, podem revelar uma introspecção e/ou uma retração devido às opressões sociais persistentes.	Timidez	Colonialidade do ser e poder
Ascensão social através do estudo	Como nós e a nossa família nos incentivou nos estudos para que, a partir desse viés, houvesse uma ascensão social.	Trajectoria de vida acadêmica	Questões raciais e sociais  Colonialidade do saber e poder
A coordenadora sou eu!	Como a colonialidade do poder atravessou a vida acadêmica e profissional da Djane.	Possíveis preconceitos vivenciados pela Djane em espaços acadêmicos.	Colonialidade do poder, saber e ser
Não somos guerreiras e sim vencedoras	Como a colonialidade do ser, produz relações desiguais entre subjetividades humanas estereotipando a mulher negra como uma guerreira e a nossa negação desse lugar.	Realização de sonhos	Colonialidade do ser e critérios raciais e de gênero

Frente à condição do ser, serão analisados os atravessamentos dos “ranços” coloniais que possivelmente atravessaram a sua pessoa em sua vida pessoal, familiar e suas influências para constructo do seu ser. Na análise da qual foi possível

associar com a colonialidade do saber, os aspectos relacionados ao seu processo de formação educacional, formal ou não, foram analisados a partir de suas falas. Para analisar as relações de poder/liderança que se estabelecem ou se estabeleceram em seu trabalho, nas relações interpessoais, afetivas e financeiras tem-se a colonialidade do poder. Mas antes disso é interessante saber um pouco sobre a primeira doutora em Química negra na Bahia, a Djane Santiago de Jesus e também sobre mim, a autora dessa dissertação, pesquisadora, professora que também é Química, formada pela UFBA e terá sua vida entrelaçada à da Djane.

## 5. SEMPRE FIQUEI QUIETA E AGORA VOU FALAR

O título deste capítulo possui como referência a música “Dona de mim”, composição do Arthur Marques e interpretada pela cantora brasileira Iza. Canção a qual me identifico, pois diversas foram as vezes em que me senti perdida tentando me encontrar e, em geral, penso duas vezes antes de falar, principalmente em espaços acadêmicos ou escolares. No entanto, percebo apenas agora, depois de passar pela educação básica e graduação, determinado grau de pertencimento ao ambiente acadêmico e escolar, possivelmente por essa razão, eu, a pessoa que antes era extremamente quieta passei a me expressar mais, utilizando palavras nesses ambientes. Por essa razão, iniciarei o primeiro capítulo destinado aos resultados, me apresentando. Até porque, a minha trajetória de vida também será tratada como resultado dessa pesquisa, uma vez que essa trajetória irá se unir à trajetória da Djane Santiago de Jesus, primeira doutora negra em Química na Bahia.

Sou Taisa Maria Sacramento Said, neta de um professor penitenciário, Petronilho Teles do Sacramento. Nasci no dia 31 de maio de 1993, nove dias após o falecimento de minha avó materna (Maria Teles do Sacramento) e na mesma data de aniversário de meu avô paterno, Petronilho.

Sou filha de uma técnica em Enfermagem e um técnico em Química, Sonia Teles do Sacramento e Jailton Gomes Said, ambos concursados em sua área de formação e graças aos seus esforços diários, que incluíram diversas abdições e até mesmo privações, pude ter um ensino de qualidade durante boa parte da minha vida. Durante a infância estudei em um colégio particular da capital baiana em que atualmente integro o quadro funcional como professora.

Nessa escola, predominantemente constituída por pessoas brancas em seu quadro pedagógico e discente, tive os primeiros contatos com o que agora entendo como manifestações da colonialidade, a qual relatei mais detalhadamente no capítulo “Enfrentamento à colonialidade”.

Nasci e me criei no mesmo endereço em que resido até o momento, no bairro do Matatu, em Salvador. Durante a minha infância e adolescência pude notar que existiam duas “Taisas”, duas versões completamente diferentes de mim. Numa dessas versões, me comportava como uma menina extremamente tímida, que fazia de tudo para não incomodar outras pessoas, inclusive fazia questão de me manter

invisível em determinados momentos e locais. Essa versão se apresentava nos ambientes escolares, mas também existia uma Taisa extrovertida, que adorava estar cercada de pessoas queridas, amava dançar, brincar e conversar. Essa versão era possível ser percebida por meus amigos de infância que moravam na mesma rua. Essas personalidades distintas só foram notadas por mim após minha formação na educação básica, até porque essas versões eram introduzidas de forma inconsciente, pela maneira com que a sociedade se estrutura racialmente, talvez por uma questão de pertencimento, repressão (oral ou não) pelos que me cercavam, ou até mesmo por uma questão de representatividade, uma vez que a maioria dos integrantes de minha família e amigos da rua eram negros e negras.

No último ano do Ensino Médio, devido ao aumento de gastos relacionado ao tratamento de saúde de meu pai, além de ter pedido reiteradamente para estudar em um colégio da rede pública de ensino, pois, percebia que a situação financeira familiar não estava boa, ingressei em um colégio estadual, e paralelamente, iniciei os estudos para o vestibular. E foi nesse colégio que pude explorar minha versão descontraída no espaço escolar pela primeira vez.

Embora gostasse muito de Química, nesse período tive pouquíssimas aulas da disciplina, o professor pouquíssimas vezes ministrou aulas ao longo do ano letivo, tanto é que o único conteúdo ministrado foi nomenclatura orgânica.

Após a finalização do 3º ano do Ensino Médio, realizei diversos vestibulares e Enem, com o objetivo de ingressar em uma instituição pública para cursos diferentes. No entanto, a graduação em Engenharia Química era a opção que mais me agradava, principalmente na UFBA, entretanto, não passei na primeira tentativa.

No ano seguinte, entrei em um grande cursinho preparatório e as aprovações vieram: UFBA, IFBA e UFS, mas, por medo de não conseguir mais uma vez, busquei priorizar um curso de menor concorrência, o de Química industrial. Afinal, não me achava boa o suficiente para passar em Engenharia Química, me lembro que, na época, era um dos cursos de maior concorrência na UFBA, perdendo apenas para os cursos de Medicina e Engenharia Civil.

As matrículas nas universidades públicas aconteceram por volta de abril e eu já estava cursando Engenharia Química em uma instituição de ensino particular de Salvador. Entendi que a minha personalidade introvertida poderia me atrapalhar muito nessa nova etapa da vida, e para isso comecei a ser uma pessoa mais

sociável também em espaços acadêmicos, pelo menos quando estava apenas entre colegas do curso, pois entendi que esses colegas poderiam ser meus futuros colegas de trabalho e possivelmente poderiam me indicar para uma vaga de estágio ou emprego.

Antes mesmo de concluir o primeiro semestre em Engenharia Química, o tão esperado resultado do vestibular da UFBA foi divulgado, entretanto, meu nome não constava na primeira lista de aprovados, fiquei em duas posições acima dos convocados para ampla concorrência, afinal, não poderia me candidatar às vagas relacionadas ao programa de cotas, uma vez que um dos requisitos era ter estudado em escola pública ou em escola particular tendo bolsa integral em todo o Ensino Médio.

Sabendo que existia a possibilidade de listas remanescentes, fiquei no aguardo para que a tão sonhada aprovação no vestibular de Química em uma universidade pública saísse, e saiu! Na primeira lista de aprovados do 2º semestre de 2013.

No momento em que fui comunicada, comecei a gritar de tanta emoção na frente do computador. Lembro de ler e reler meu nome várias vezes até a ficha cair. Em seguida, após muitos gritos, Dona Sonia e seu Jailton, o último acompanhado de um facão, vieram ao meu encontro na sala de nossa casa, acreditando que existia algum invasor dentro de casa, mas ao chegar na sala se depararam com sua filha pulando e gritando “EU PASSEI!”.

Momentos depois, meu pai já estava ligando para todos os amigos e familiares anunciando a tão desejada aprovação e convidando-os para a formatura. Eu nem havia me matriculado, mas meu pai já estava sonhando com a formatura, que ocorreu em maio de 2018, mas o mesmo não pôde estar presente devido seu falecimento em 2014, quando estava no segundo semestre da graduação em Química.

No segundo semestre do bacharelado, já estava participando do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), onde pude ter o primeiro contato com a docência e só saí no ano de conclusão do curso de Química. Esse programa foi um grande divisor de águas no meu percurso acadêmico, uma vez que iniciei a graduação com o intuito de me habilitar em Química Industrial. Entretanto, a cada semestre que estudava sobre o Ensino de Química ficava cada vez mais

motivada a trocar de habilitação para a licenciatura. Outro motivador foi o fato de precisar cursar pelo menos mais um semestre para obter a habilitação em Química Industrial, além do fato de aparentemente ter pouca absorção de profissionais da Química Industrial no mercado de trabalho soteropolitano.

Ao final da licenciatura em Química alguns questionamentos me intrigavam, tais como: *Por que mesmo estudando em uma universidade sediada na capital que possui a maior quantidade de negros fora do continente africano, só tive 4 professores negros? E apenas uma era também mulher? Seria devido ao fato de ser uma área que antigamente era predominantemente masculina? Seria devido ao fato da mulher negra, normalmente, estar associada a uma área acadêmica que está diretamente associada a cuidar do outro? Ou porque a presença de mulheres na Química diminui à medida que os níveis acadêmicos avançam - graduação, mestrado e doutorado?* (Naideka et al., 2020).

Apesar desses questionamentos estarem presentes ao final da graduação, decidi não escrever o TCC sobre essas questões, uma vez que já estava com o projeto pronto e diversas outras demandas.

Após a conclusão da licenciatura, iniciei um estágio em um colégio particular e também a minha segunda graduação em Química, agora para ser bacharela. Em menos de um ano, já insatisfeita com o bacharelado, muito provavelmente devido ao desgaste proporcionado ao longo dos quatro anos da primeira graduação e após diversas investidas de minha mãe para que eu ingressasse no mestrado, decidi seguir seus conselhos e me inscrevi. Confesso que não estava empolgada com a possibilidade de fazer um mestrado em Química. Após um período refletindo nessa possibilidade, comecei a pensar que deveria realizar o mestrado em uma área de meu interesse, portanto, escolhi uma área um pouco diferente da anterior, uma área que me possibilitasse falar sobre mim, sobre a realidade de pessoas próximas a mim: mulher negra. Por essas razões, optei pela inscrição no Programa de Pós-graduação em Ensino, História e Filosofia das Ciências (PPGEFHC) na FACED-UFBA/UEFS.

Na semana anterior à segunda fase do processo seletivo, a fase da entrevista, recebi a notícia de que havia passado na seleção para integrar o quadro funcional da escola em que trabalho atualmente. Entretanto, o dia da entrevista coincidiu com a data e horário do meu primeiro dia de trabalho, e eu recebi uma liberação para que

eu pudesse participar da entrevista. Logo, esse foi o primeiro obstáculo enfrentado para ingressar na pós-graduação sendo uma estudante trabalhadora.

Após aprovação e matrícula no PPGEFHC, notei que todas as disciplinas obrigatórias do primeiro semestre coincidiam com o meu horário de trabalho e isso inviabilizaria a minha permanência, uma vez que precisava daquele emprego para poder custear minhas despesas básicas, além de ser impossível estar em dois locais diferentes ao mesmo tempo. Ademais, os programas de concessão de bolsas não abriam vagas imediatamente no primeiro mês de ingresso e as bolsas eram destinadas majoritariamente para quem não exercia atividade laboral assinada em carteira de trabalho, com exceção de quem fosse professor(a) com comprovação, o que até então, não era a minha realidade. Até porque não poderia abandonar algo visto como certo (meu emprego) para algo que era tido como incerto (bolsa de mestrado).

Esse meu “problema” foi resolvido a partir do momento em que houve a paralisação das atividades de ensino na UFBA, em março de 2020, início do meu primeiro semestre, devido a pandemia de Covid-19. Por causa da pandemia foram realizadas mudanças nos dias e horários de aulas das disciplinas obrigatórias do Programa e, associado a isso, tive redução da carga horária, o que proporcionou flexibilização no horário de trabalho, o que possibilitou a minha permanência no mestrado sem acesso à bolsa. Optei em fazer todas as disciplinas obrigatórias nesse período, até porque não sabia até quando iria durar essa redução de carga horária, uma vez que ainda não se tinha acesso fácil a vacina e o mundo, de modo geral, estava tentando organizar medidas emergenciais para a continuação do processo de ensino e aprendizagem em todas as etapas e modalidades da educação.

Mesmo sabendo de que não seria fácil conciliar os estudos, saúde mental, física e as demandas do trabalho que aumentaram mesmo tendo redução de carga horária e salário, pois a todo momento surgiam demandas por e-mails, mensagens no *whatsapp* e ligações, além do fato de ter que aprender, em tempo recorde, a utilizar diversas ferramentas digitais das quais não tinha familiaridade (Google Sala de Aula, Google Meet, Formulários Google, mesa digitalizadora) afinal todos estavam lidando com algo novo no processo de ensino e aprendizado.

Além do medo constante do desemprego, da morte, das pessoas contaminadas e uma luta diária contra algo que não podíamos ver (o vírus

SARS-CoV-2). Ainda nesse período, toda a minha família (irmão, mãe e sobrinho) foi contaminada pelo vírus, sendo eu a única pessoa que não apresentava sintomas gripais e testada negativamente (talvez eu não tenha contraído o vírus devido ao afastamento que me mantinha por causa do acúmulo de atividades daquela época. Eu passava praticamente todo o tempo no quarto, mais especificamente, na frente do computador). Ao longo desses 15 dias de confinamento de meus familiares com COVID, precisei lidar com todos esses medos, realizar todas as atividades domésticas, trabalhar e realizar as atividades das disciplinas do mestrado.

No início de 2021, ainda no período de restrições sanitárias, fui promovida à professora de Ciências com carga horária de 30 horas semanais em sala de aula. Também estava ministrando aulas de Química no programa Universidade para todos (UPT) e no Prévest na UFBA, o que preenchia todas as minhas manhãs e noites de segunda a sexta-feira, restando apenas o período da tarde para planejar as aulas. Essa rotina exaustiva de trabalho e estudo me fez retardar as pesquisas referentes ao mestrado e até mesmo, repensar se conseguiria terminar essa etapa acadêmica. No ano seguinte, abdiquei das aulas à noite e me mantive apenas com as 30 horas semanais pela manhã, pelo menos nos primeiros meses. No entanto, fui convocada a assumir mais turmas, o que acabou aumentando ainda mais a minha carga horária. Associado a isso também comecei a estudar para concurso público e voltei a dar aulas particulares, para assim suprir minhas necessidades de sobrevivência imediatas. E foi a partir dos esforços no trabalho que pude realizar dois grandes sonhos em menos de 5 anos de formada, a compra de um carro e uma viagem nacional com a minha família, primeira vez que minha mãe e sobrinho andaram de avião e visitaram outro estado (Pernambuco).

Relembrar a minha trajetória de vida e acadêmica me fez voltar para aquelas perguntas que me fiz ao final da graduação. A realização de sonhos e a dignidade na vida humana só foi possível por meio da educação e porque durante os anos na universidade eu tive a oportunidade de refletir sobre minha identidade, sobre os atravessamentos que dificultaram a minha trajetória, mas que também forjaram a professora, a pesquisadora e a pessoa que sou. Na graduação, eu tinha o conhecimento de poucas mulheres negras doutoras e essa pouca representatividade é fruto do desconhecimento. O que me mobilizou a olhar para mim e para as que vieram antes de mim e também querer contar a história das que vieram e no caso



específico desta pesquisa, a da primeira doutora negra em Química da Bahia. Para que as pessoas saibam que a vida de uma mulher negra acadêmica e doutora é possível na universidade, mas que, semelhante à minha, ela é plena de obstáculos e dificuldades, ainda assim é produtiva e tem importância histórica para as mulheres negras do passado e do presente.

## 6. A DOUTORA DJANE SANTIAGO DE JESUS

Ao longo da apresentação da primeira doutora em Química negra na Bahia, irei associar trechos de suas falas disponibilizadas pelas entrevistas realizadas em junho e novembro de 2023, junto à minha narrativa, pois, como mencionado anteriormente, é importante e necessário substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando suas histórias.

A Doutora Djane Santiago de Jesus é mulher preta, cristã, esposa, filha, tia, amiga, professora, pesquisadora, empreendedora, aposentada como professora titular pelo Instituto Federal da Bahia (IFBA) desde 2018 e mais recentemente é terapeuta integrativa. Nascida no Subúrbio ferroviário de Salvador, na casa de sua avó paterna (Maria Luciana Encarnação de Jesus), no bairro de Periperi, local esse que foi todo preparado para a sua chegada (Jesus, 2023).



Imagem 1: Fotografia da Djane Santiago de Jesus (Arquivo pessoal)

Não é a primogênita de seus pais, no entanto é a primeira filha de 7 irmãos, logo, foi dada a ela a função de ser “a primeira neta, sobrinha... primeira tudo”

(Jesus, 2023). Assim como a doutora Sônia Guimarães, que só soube que era a primeira brasileira negra com PhD em física anos depois, através de um conhecido, a doutora Djane só soube que era a primeira negra a tornar-se doutora em Química pela UFBA e da Bahia, após o meu contato, ou seja, após 24 anos desse feito. Sua trajetória nas etapas da educação básica pode ser observada a partir dessa fala:

“Comecei meu ensino primário ali em uma escola particular que nessa época o meu pai tinha condições de pagar, eu estudei até a quarta série e da quinta ao oitavo ano eu fiz em uma escola pública de lá mesmo, em Periperi” (Jesus, 2023).

Ainda quando criança, aos 4 ou 5 anos, após uma visita à empresa que seu pai trabalhava, no polo petroquímico de Camaçari, quando viu as torres muito grandes e bonitas perguntou ao seu pai o que era preciso fazer para trabalhar nessas torres, como resposta seu pai indagou que era preciso ser engenheira química (Jesus, 2023).

Ao concluir o Ensino Fundamental, morando em Aracaju, pois o pai precisou se mudar a trabalho, tomou conhecimento do curso técnico em Química e do processo seletivo da Escola Técnica de Aracaju. Ela lembrou-se do sonho de infância que era o de trabalhar no polo e de ser engenheira Química para trabalhar em torres enormes, passou no processo seletivo, no entanto,

“Eu descobri que não queria ser engenheira química, eu queria ser Química! Não queria projetar, não queria construir! Eu queria fazer! Isso tava no meu sangue. Bom, a partir de agora eu vou ser Química, vou estudar Química!” (Jesus, 2023).

Ainda cursando o curso técnico em Química, seu pai retornou para Salvador e a mesma pediu transferência para cursar o mesmo curso e estudar na escola técnica da Bahia na qual formou-se como técnica em Química aos 17 anos (Jesus, 2023).

Aos 17 anos, após se tornar técnica em Química, mesmo tendo o anseio de fazer uma graduação começou a estagiar

“minha família precisava que eu trouxesse recurso para casa, apesar de meu pai não achar isso, mas eu tinha que ajudar meu pai porque ele tinha mais 7 filhos e tava precisando da minha ajuda financeira e eu queria trabalhar, mas com o sonho de fazer faculdade, de ter um curso superior” (Jesus, 2023).

Após 3 meses de estágio, participou de uma seleção para analista químico, passou e só pôde assumir o cargo após cerca de 4 meses, período necessário para completar a maioridade (18 anos).

“Só que nesse período o encanto acabou! Não era para mim tá dentro de um laboratório fechado o dia todo, então eu comecei a ficar muito triste, mas por outro lado eu sabia que minha família precisava daquele dinheiro. Então o que fazer? (..) Meu pai sempre teve um papel muito importante na minha formação, eu cheguei para meu pai chorando né e falei: - meu pai, eu não quero ficar nesse emprego, eu não quero ficar. Só que eu sei que eu preciso porque eu preciso te ajudar com os meninos. Aí ele falou: não, minha filha! Os filhos são meus, não são seus! Você estuda! você vai ser o que você quer! Então, naquele momento eu enxuguei as lágrimas e acreditei né... Então eu vou desistir desse trabalho e eu vou fazer vestibular” (Jesus, 2023).

Já com o intuito de ingressar em uma faculdade, escolheu cursar Química por ter conhecimento prévio por ter feito o curso técnico em Química poderia ser que conseguisse estudar sem a necessidade de comprar livros, no entanto, queria mesmo era cursar medicina. Não levou esse sonho a frente pois não teria condições financeiras para comprar livros e outros materiais que pudessem ter a necessidade de comprar (Jesus, 2023).

Ao passar no vestibular, também começou a ensinar à noite para poder custear os seus estudos ou pelo menos a passagem de transporte. Em 3 anos e meio completou a licenciatura em Química e seis meses após o bacharelado, finalizando essa etapa da vida em 1989 (Jesus, 2023).

Após cerca de 2 anos ministrando aulas de Química como professora substituta na escola técnica, participou de uma seleção para professora definitiva da escola técnica federal da Bahia e foi aprovada para ser professora de Química Analítica. Nesse mesmo ano (1993) realizou a seleção de mestrado em Química Analítica e passou, mesmo não tendo feito iniciação científica ao longo das graduações, pois nesse período também trabalhava, o que a deixava sem tempo para realizar a iniciação científica. Sendo orientada pelo professor Doutor Sergio Luis Costa Ferreira, tanto no mestrado quanto no doutorado. Tornou-se mestra e doutora, respectivamente apresentando pesquisas intituladas “Uso da Espectrofotometria Molecular Derivativa na determinação seletiva de níquel e cobalto usando Br-PADAP” e “Uso da Espuma de poliuretano em separação,

enriquecimento e determinação de zinco por técnicas espectroanalíticas” (Jesus, 2023).

Ao apresentar sua tese em 1999, tornou-se a primeira mulher negra Doutora em Química na Bahia, desse modo, mesmo que sem saber desse fato histórico, abriu caminhos para que eu e diversas mulheres negras seguissem rumos acadêmicos na Bahia.

Ao final do doutorado recebeu o convite para realizar o doutorado sanduíche no período de 1 mês na Faculdade de Farmácia do Porto em Portugal, a mesma faculdade em que realizou o pós-doutorado trabalhando com biossensores (Jesus, 2023). Durante esse período, atuou com estudantes de diversas nacionalidades (nigerianos, alemães, cabo verdianos, espanhóis) em um laboratório que era subdividido em três áreas, porém com livre acesso nas suas três subdivisões, tendo apenas distinção de bancadas devido às temáticas de trabalho, para evitar contaminações.

Ainda na Faculdade de Farmácia do Porto, notou uma grande diferença cultural entre os estudantes de lá em comparação aos soteropolitanos. Percebeu que o trabalho acadêmico dos e das estudantes do Porto possuía horários fixos (horário de entrada, saída, lanche e almoço), muito parecido com o regime de trabalho em algumas empresas brasileiras. Fato que não é muito comum para a maioria das e dos estudantes brasileiros que desenvolvem atividade de pesquisa em laboratório. O comum é permanecer no laboratório até que o processo experimental se encerre, independente do horário.

Em 1998, realizou pesquisa juntamente com outra professora e alunos do curso técnico em química da escola técnica da Bahia, para participar de um concurso promovido pela Associação Brasileira de Química. Participando desse evento com duas pesquisas inscritas, sendo que uma tinha como proposta produzir um indicador de pH natural feito com extrato de flores. Já o outro trabalho, seria promover a separação por densidade para a reciclagem. Ambos os trabalhos foram premiados, em primeiro e segundo lugar, respectivamente.

Após as premiações, se tornou presidenta da comissão para estudar a possibilidade de implantar a pesquisa no Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia (CEFET-BA). Criou o Grupo de Produção e Pesquisa em Química (GPPQ) no CEFET-BA, que realizava a produção de sabão, extração de álcool a partir da

cana de açúcar e abacaxi, além de diversas outras atividades. O GPPQ foi o primeiro grupo de pesquisa cadastrado na instituição (CEFET-BA).

Em 1999, a então Doutora Djane Santiago de Jesus já tinha 13 artigos publicados, e logo ganhou uma bolsa de pesquisa CNPQ e tornou-se a primeira professora a possuir doutorado no CEFET-BA.

Tendo os primeiros trabalhos aprovados no edital universal da CNPQ e após a aprovação de projeto e criação do grupo de pesquisa, solicitou espaço para seu grupo de pesquisa ao então diretor da instituição, adquirindo o antigo almoxarifado de química, o laboratório 12. Para conseguir recursos financeiros para reforma do laboratório de pesquisa e produção em Química escreveu e submeteu diversos projetos. Na época os alunos e alunas que trabalhavam com ela cursavam o técnico em química.

Quando a instituição se tornou o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-BA), instituindo o curso de engenharia elétrica, mecânica e administração. Recebeu o convite para ser coordenadora de pesquisa tecnológica, por ter implementado o primeiro laboratório de pesquisa da instituição, iniciando assim, o seminário interno de pesquisa que discutia a pesquisa na instituição.

Nesse período, o laboratório de pesquisa e produção em Química, era o único laboratório de pesquisa da época na instituição e começou a dar suporte para outros cursos (Administração, Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica). Para instituir a bolsa de iniciação científica ao seu grupo de pesquisa, realizou projetos que pudessem envolver alunos e alunas dos cursos de graduação existentes na instituição.

Sua primeira aluna de iniciação científica é uma mulher negra, que atualmente é professora do IFBA, e na época era aluna de administração. Essa pesquisa proporcionava a simbiose química em parceria com empresas do polo petroquímico, e tinha o objetivo de identificar as empresas que geravam resíduos ácidos e alcalinos a fim de promover o intercâmbio desses resíduos, de modo a realizar a neutralização dos resíduos a partir de reação ácido-base, desse modo as empresas diminuiriam o custo para descarte dos resíduos alcalinos ou ácidos.

Para instituir a bolsa de jovem cientista aos alunos e alunas do curso técnico em química, recorreu à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Para conseguir mais recursos financeiros para seu grupo de pesquisa,

buscou alternativas não tradicionais, recorrendo a emendas parlamentares, deputados federais e ministérios.

Em 2003, após a indagação de um aluno, sobre o coco Licuri em sala de aula, iniciou as pesquisas sobre a temática e percebeu que existiam pouquíssimos trabalhos publicados sobre o licuri, e logo decidiu estudar os macronutrientes e micronutrientes do licuri, a partir da determinação de minerais e abertura de amostras. Dessa forma, enviou cinco projetos à FAPESB, no entanto não conseguiu aprovação em nenhum dos editais. Até que houve a divulgação de um edital do Ministério extraordinário da segurança alimentar para trabalhar com produtos da área de alimentos, esse projeto tinha como objetivo a caracterização do coco licuri e a produção de um alimento à base do licuri, sendo esse projeto o único aprovado no estado da Bahia. Enquanto coordenadora geral do projeto Licuri, projeto que conseguiu ultrapassar os muros da escola técnica a partir de trocas de saberes unindo as agricultoras familiares, ensino, pesquisa e extensão, uma vez que essa troca, por muitas vezes, ocorria onde as agricultoras familiares estavam.

A partir desse projeto, também foi orientadora de mestrado de estudante da UFBA, atuando como professora colaboradora. Sendo a sua primeira experiência como orientadora de mestrado. Seu primeiro orientando tinha como objetivo de pesquisa a caracterização do coco licuri. Além de tudo isso, também foi coordenadora de pós-graduação e pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA).

Em 2018, já aposentada do IFBA, iniciou uma nova pós-graduação e começou a estudar bioressonância e física quântica, tornando-se terapeuta integrativa. Associando sua vivência como química ao seu novo ciclo.

Atualmente a Dra. Djane Santiago de Jesus é sócia de uma empresa na área de cosméticos, essa empresa possui como uma das matérias-primas o licuri. Também é sócia de outra empresa que utiliza o coco piaçava, além de atuar como terapeuta integrativa, atendendo gratuitamente nas terças e quintas-feiras, no Subúrbio Ferroviário de Salvador e pretende realizar mais um sonho, o de montar um instituto na antiga casa de seu pai para que as pessoas do Subúrbio possam ter mais acesso a essa proposta de cuidado da mente e corpo.

## **7. ENTRELAÇANDO AS COLONIALIDADES**

Durante a primeira entrevista foi possível evidenciar que as relações de gênero e raça atravessaram a sua vida de diferentes formas, sendo elas apresentadas de formas associadas ou não, mas também foi possível notar que as colonialidades do ser, poder e saber atravessaram a vida dessa pioneira. Embora também possa evidenciar que a mesma em alguns momentos, superou essas colonialidades em diversos modos, principalmente devido aos ensinamentos de seu pai, mãe e avó paterna.

As narrativas foram analisadas em cinco categorias que se relacionam com temáticas associadas a atravessamentos coloniais. A primeira categoria de análise foi o da priorização do trabalho não intelectual, o qual atravessou a minha vida e a da Djane, principalmente, no início de sua vida acadêmica. Para essa categoria, foram analisadas como as relações coloniais impactam na escolha em se realizar um trabalho intelectual/acadêmico durante a graduação e mestrado.

A segunda categoria analisada intitula-se “Eu sou tímida?”. Nessa categoria, analiso como as experiências de micro agressões, opressões e silenciamentos, vivenciadas por indivíduos pertencentes a grupos sociais subalternizados racialmente, nesse caso, duas mulheres negras, podem ser refletidas nos nossos comportamentos com determinado grau de retração e introspecção.

No tópico seguinte, analiso a importância da nossa família ao nos incentivar a seguir um caminho acadêmico. Sendo esta uma alternativa que de alguma forma nos fez obter uma ascensão social através dos conhecimentos científicos.

Já as duas últimas categorias de análise, retrataram episódios da vida da doutora Djane que a mesma superou e se impôs frente a momentos que as colonialidades a atravessarem, especialmente a colonialidade do ser. Vejamos os tópicos correspondentes aos discursos que se enquadram nessas categorias.

### **7.1. PRIORIZAÇÃO DO TRABALHO NÃO INTELECTUAL**

Para as mulheres negras ocupar o espaço acadêmico e se sentir à vontade para se autodescrever como uma cientista e ou intelectual, mesmo que seja em



formação, como no meu caso, pode ser um processo complexo, uma vez que pode ocorrer certa desestabilização do imaginário popular da mulher negra da qual anseia dessas sujeitas sempre estarem disponíveis para servir o outro (hooks, 1995; Xavier, 2019). Esse processo de auto descrição como cientista e intelectual também foi difícil para mim. A percepção que eu, autora desta dissertação, sou a outra química que tem sua trajetória demarcada pela colonialidade só foi reivindicada por mim, após a qualificação.

Ao realizar leituras sobre intelectuais negras me senti representada e ao mesmo tempo pude começar a compreender determinados comportamentos de desvalorização do meu próprio trabalho intelectual, principalmente durante o período do mestrado. Pois muitas foram as vezes em que priorizei o trabalho como professora da educação básica em detrimento do mestrado. Essa priorização do trabalho frente ao estudo, também pôde ser percebida nas narrativas trazidas pela Djane. Uma vez que durante a sua graduação ela precisou associar estudo e trabalho, atuando como professora da educação básica em colégio da periferia de Salvador para ao menos custear a sua passagem de transporte para ir à faculdade.

Por ter que conciliar o trabalho com o estudo, não foi possível que a mesma pudesse fazer iniciação científica no bacharelado, mesmo sendo uma etapa importante para quem deseja realizar pós-graduação em Química, principalmente, na área da química analítica e isso pode ser observado na seguinte fala da Djane:

Nesse processo de formação como bacharel e licenciado eu tinha que trabalhar, eu tinha que dar aula e eu não tinha tempo de fazer iniciação científica. Então, entrei no mestrado sem essa bagagem que os outros tinham (JESUS, 2022).

Essa priorização do trabalho não ocorreu apenas neste momento de sua vida. Logo após a Djane ter concluído o curso técnico em Química, aos 17 anos, quando mesmo tendo o anseio em fazer uma graduação preferiu começar a estagiar para levar recursos financeiros para casa.

Mesmo considerando o trabalho intelectual importante para a melhora do nosso futuro, fazemos parte de uma parcela da população que não poderia apenas estudar, uma vez que precisamos de recursos financeiros para sobreviver, e muitas vezes até ajudar a nossa família, contudo a escolha em trilhar conscientemente um

caminho intelectual foi sempre excepcional e difícil (hooks, 1995). Isso pode ser observado no seguinte trecho da entrevista

(...) não era para mim tá dentro de um laboratório fechado o dia todo né então eu comecei a ficar muito triste mas por outro lado eu sabia que minha família precisava daquele dinheiro. Então o que fazer? O dilema. Então eu cheguei (...) para meu pai chorando né. Falei, meu pai, eu não quero ficar nesse emprego, eu não quero ficar. Só que eu sei que eu preciso, porque eu preciso te ajudar com os meninos. Aí ele falou, não minha filha. Os filhos são meus, não são seus. (...)Você estuda, você vai ter o que você quer. Então, naquele momento eu enxuguei as lágrimas e acreditei, né. Eu vou desistir desse trabalho e eu vou fazer vestibular, e assim foi (JESUS, 2022).

Por essa razão que mesmo não priorizando, em alguns momentos de nossas vidas o trabalho intelectual, sabemos que a partir dele poderíamos ter a esperança de um futuro melhor. Como justificativa para essa priorização do trabalho intelectual da mulher negra bell hooks (1995) indica que

[...] é o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente torna o domínio intelectual um lugar interdito (hooks, 1995, p. 468).

Nesse sentido, a não priorização do trabalho intelectual por mulheres negras, em alguma medida, pode ser expressa devido as categorias de raça e gênero que as intersectam de maneira que o sexismo, o racismo e a diferença de classes, associadas ao processo de servidão e escravização dos negros durante a colonização podem atuar mesmo que inconscientemente, com a priorização do que se tem um retorno financeiro mais rápido, nesse caso o trabalho não intelectual. Logo, as desigualdades existentes na sociedade, podem influenciar ao exercermos o trabalho intelectual.

## 7.2. EU SOU TÍMIDA?

Sob o olhar de bell hooks, no livro *Ensinando a transgredir* (2013), comecei a perceber possíveis relações e motivos para o meu silenciamento em sala de aula enquanto aluna. De forma que:

Muitos professores universitários me confessaram seu sentimento de que a sala de aula deve ser um lugar “seguro”; traduzindo, isso em geral significa que o professor dá aula a um grupo de estudantes silenciosos que só respondem quando são estimulados. A experiência dos professores universitários que educam para a consciência crítica indica que muitos alunos, especialmente, os de cor, não se sentem “seguros” de modo algum nesse ambiente aparentemente neutro. É a ausência do sentimento de segurança que, muitas vezes, promove o silêncio prolongado ou a falta de envolvimento dos alunos. (hooks, 2013, p. 56)

(...) Alguns alunos de cor expressam o sentimento de que, se simplesmente não afirmarem sua subjetividade, terão menos probabilidade de serem agredidos (hooks, 2013, p. 57).

Mesmo que bell hooks (2013) cite a vivência de professores e professoras, alunos e alunas em universidades, noto que essa vivência me perpassa não apenas na universidade, mas também em unidades escolares da educação básica, uma vez que, no ato de visita à minha memória, me reconheci nesses trechos e partindo de uma reflexão, percebi que por muitas vezes a minha invisibilidade em sala de aula era também fruto de relações de poder na qual não me sentia segura naquele ambiente, portanto me silencieei também, para não ser ainda mais alvo de possíveis agressões.

Esse entendimento me fez repensar sobre o meu comportamento, a partir de uma mudança de olhar no que tange às relações de poder, adquiridas pelas pessoas nesses ambientes. Nesse sentido, notei que durante o mestrado, a partir de leituras que me fizeram repensar o meu lugar nas relações interpessoais e principalmente na academia, iniciei um processo de desconstrução da imagem invisibilizadora que detinha. Lembro-me de ter respondido à pergunta de um professor, ele expressava suas expectativas frente às pesquisas tidas como referencial a decolonialidade de serem escritas de formas diferentes a qual todos nós aprendemos, acredito que o mesmo esperava que por uma pesquisa ser decolonial, a mesma, teria que possuir algum tipo de diferencial na escrita e/ou na apresentação. A minha resposta para ele, foi a de que seria impossível mudarmos drasticamente, em menos de quatro

meses, a forma de como aprendemos a escrever seguindo os parâmetros da ciência ocidental. Acredito que essa foi uma das primeiras vezes que questionei, de alguma forma, um professor devido ao seu modo de avaliação.

Pensar que eu e a Djane utilizamos o estudo como principal ferramenta para ultrapassarmos as barreiras econômicas que nos são impostas pela sociedade, o que pôde ser evidenciado pelos nossos processos de educação, é possível que nos espaços de educação formais as mulheres negras possam internalizar atributos negativos, que lhe são imputados, causando até constrangimento na relação com seus pares, e favorecendo o aparecimento de comportamentos entendidos, frequentemente, como timidez ou agressividade (Silva, 2004). No entanto, não são apenas esses comportamentos que podem ser atribuídos às mulheres negras em espaços da educação formal, uma vez que os comportamentos refletem também a subjetividade humana e cada pessoa pode expressar de formas variadas, obtendo assim, características distintas, mesmo sendo atravessadas por aspectos inerentes da colonialidade.

Embora não exista unanimidade sobre definição da timidez, irei valer da compreensão de timidez no que tange aos aspectos histórico-culturais. Segundo Tatiane Félix (2016, p. 247) “a timidez pode ser descrita como um processo histórico-cultural que se desenvolve a partir de aspectos sociais” que está associado com o medo e a vergonha, sentimentos que estão relacionados a comportamentos retraídos, logo, a retração, que é uma característica de uma pessoa tímida pode surgir como um mecanismo de defesa para possíveis situações de inferioridade, e até mesmo racistas. Nesse sentido, uma pessoa que não é tímida pode assumir comportamentos introspectivos, retraídos ao sofrer intimidação e/ ou agressão em espaço escolar. E esses comportamentos, popularmente, podem ser confundidos como atitudes de uma pessoa tímida.

Ao ser questionada, durante a primeira entrevista, sobre a existência de outro professor preto ou preta, além do seu orientador, que tenha lhe ajudado de alguma maneira, um silêncio ocorreu. Logo em seguida, veio a resposta. “Sinceramente não!”. Depois, também surgiram algumas indagações a respeito da timidez e possível preconceito, que podem ser observadas nas seguintes falas da Djane durante a entrevista:

“Sou uma pessoa muito tímida, hoje não tanto né, mas aquela coisa de que a gente sofre... Às vezes, as pessoas olham o nosso interior e nos julgam muito. Então, o primeiro momento que me olhavam acreditavam que eu não tinha nenhum potencial. Até porque eu sou muito calada. Eu gosto muito de ouvir as pessoas falando, eu gosto de observar o ambiente para me posicionar, eu não me considero expansiva, né! Então, devido a isso, as pessoas me julgam muito e achavam talvez, que eu não tivesse tanta competência, que eu sei que eu tenho” (Jesus, 2023).

Ao revelar essa timidez pergunto-lhe se esse comportamento se dava apenas em locais acadêmicos, tendo a seguinte resposta:

“Não, não.. eu atribuo hoje que isso foi pela preocupação que minha avó tinha”. (...) Ela tinha uma grande preocupação em nos educar (...) porque tinha um ditado que eu escutava muito quando era criança - negro quando não suja na entrada suja na saída - E minha avó dizia muito isso, então eu quero que vocês saibam entrar e sair de qualquer lugar, então vocês precisam ver como é o lugar, então, vocês precisam sentir como é para que depois você venha a se posicionar. Eu acho que essa timidez, esse calar ... porque minha avó dizia assim... ouça o que as pessoas têm para dizer primeiro, não fale, não atrepele, escute e depois você fala e se alguém tiver falando, não fale junto, não grite junto, não se imponha dessa maneira, se imponha quando você ouvir e responda a altura, então eu acho que vem desse ensinamento”.

“(...) tomei isso com uma crença, não como uma crença limitante. Eu acho que não é uma crença que me limite, mas uma crença que me norteia” (Jesus,2023).

É possível que essa timidez afirmada pela Djane e pela minha pessoa, seja na verdade uma introspecção, muitas vezes reproduzida pela necessidade de refletir muito antes de agir, e até mesmo sendo uma atuação da colonialidade do poder, da qual, mesmo que no subconsciente opera para que se estabeleça em nossas mentes a ideia de que devemos, sempre que possível, diminuir possíveis desconfortos gerados pela nossa presença em determinados locais e por algumas pessoas, principalmente brancas (Silva, 1998).

No momento seguinte às suas falas anteriormente citadas, a Djane ponderou sobre a possibilidade de ser uma pessoa tímida. Como descrito no trecho a seguir:

(..) essa timidez... Essa... Não sei bem se é uma timidez, né... porque eu sei me posicionar no momento adequado, sei falar bem, sei jogar com as palavras (Jesus, 2023).

Ao revelar a existência de timidez e logo após indicar a sua não existência me faz considerar que os processos morais e sociais podem modular os sentimentos, comportamentos, nas relações de confiança e até mesmo na produção do

conhecimento. Quando se inferiorizam pessoas de grupos sociais marginalizados, por vezes surgem atitudes de contextos opressivos que podem distorcer o entendimento social acerca de seus comportamentos e sentimentos. Logo, a compreensão de sentimentos é dificultada. Portanto, essa hesitação pode ser um indício de que a timidez mencionada pela Djane e por mim, na verdade seja uma introspecção advinda de opressões sociais persistentes que pessoas pertencentes a grupos marginalizados podem sofrer, o que também está relacionada ao que Kristie Dotson afirma ser a opressão epistêmica (Jesus, 2022).

Há de se inferir, também, que essa introspecção tenha sido promovida a partir de silenciamentos vividos por critérios raciais, de gênero e até mesmo sociais. Nesse sentido, cabe também indicar que existem limitações das emoções a partir da complexidade de lidar e nomear os sentimentos (Jesus, 2022). Portanto, pode considerar ser um dos efeitos sobre as experiências vividas, não apenas na mente dos sujeitos inferiorizados, mas também, em toda sociedade, logo, também se relaciona com a colonialidade do ser, uma vez que silenciamentos repetitivos e a retração, são respectivamente, micro agressões e suas consequências.

No trecho em que a Djane menciona a frase “negro quando não suja na entrada suja na saída”, existe a reprodução de uma frase presente na música “A mão da limpeza”, composta por Gilberto Gil citada a seguir:

“O branco inventou que o negro  
Quando não suja na entrada  
Vai sujar na saída, é  
Imagina só  
Vai sujar na saída, é  
Imagina só  
Que mentira danada, é

Na verdade a mão escrava  
Passava a vida limpando  
O que o branco sujava” (Gilberto Gil)

Essa expressão racista “O negro quando não suja na entrada suja na saída” é uma das várias microagressões existentes na língua portuguesa e que de alguma maneira, pode determinar o comportamento de uma pessoa. Logo, atinge a subjetividade de uma pessoa sendo até mesmo norteadora para seu comportamento. E é também uma microagressão, uma vez que reproduz a ideia de povos colonizadores de inferiorização de padrões comportamentais e até mesmo

linguístico dos negros e negras, principalmente, para as negras e negros que frequentam os mesmos lugares que os brancos. Além disso, a frase pode também ser interpretada como uma forma de imposição de que negro(a) está condicionado a fazer algo de errado (diferente do padrão eurocêntrico) o que está diretamente relacionado à colonialidade do ser, no que tange à condição natural de estar errado. Visto que, de alguma medida corresponde a microagressões e suas consequências (a instrospecção e a retração) que podem atravessar corpos negros pelo simples fato de serem classificados como um grupo racial inferior.

Assim como Gilberto Gil, não acredito que os negros “sujam” na entrada ou na saída, uma vez que eram eles que limpavam as sujeiras das pessoas que os escravizaram.

É verdade que, na língua portuguesa, existem palavras que possuem forte influência de herança histórico-cultural, que pressupõe às pessoas negras a condição de inferioridade, não obstante as escolhas lexicais de um sujeito funcionam como estratégias discursivas essenciais na reflexão sobre o racismo, visto que tais escolhas podem ser também um ato político (Nascimento, 2021). Além disso, as palavras são criadas por pessoas e podem circular na sociedade, materializando carga semântica de caráter ideológico e consequentemente explicitando posicionamentos que inferiorizam os negros e negras, logo o racismo também está presente na semântica de alguns termos, como pode ser observado em: Denegrir (significado tornar escuro que é utilizado como sinônimo de difamar, caluniar), inveja branca (remete a ideia de que a inveja pode ser boa ou ruim, de modo que a inveja branca é uma inveja boa), lista negra (se refere à relação de coisas ou pessoas consideradas prejudiciais) (Nascimento, 2021).

Portanto, é possível que existam pessoas negras tímidas. No entanto, eu e a Djane, mesmo que tenhamos adquirido características de pessoas tímidas, não somos tímidas. Na verdade, as diferentes formas de micro agressões verbais e não verbais proporcionadas, principalmente, pela colonialidade do ser e poder, nos fizeram possuir atitudes retraídas que podem ser confundidas como timidez.

### 7.3. ASCENSÃO SOCIAL ATRAVÉS DO ESTUDO

A sociedade escravocrata definiu o negro na posição social de inferioridade em aspectos financeiros, culturais, conhecimento, prestígio, poder (Souza, 2021). Logo, nessa ordem social o negro, de fato, é socialmente inferior. No entanto, mesmo após a abolição da escravidão a maioria dos negros ainda ocupam locais marginalizados, uma vez que, um dos caminhos para a mobilidade social possa ocorrer é através da relação de estudos (educação formal) e trabalho. Para algumas pessoas, a possibilidade de conseguir um trabalho que seja remuneradamente bom, é imprescindível a obtenção do certificado de conclusão de pelo menos um curso da educação formal. Possibilidade essa, que só foi possível, para o negro no Brasil, muitos anos após a abolição da escravatura.

Talvez os nossos pais, mães, avôs, avós, bisavós tivessem maior consciência de que, por anos, nos foi dificultada e até mesmo negada a educação (apropriação de saberes formais exigidos socialmente pelas pessoas que detém poder). No Brasil, o processo de escolarização massiva de pessoas negras foi tardio. Isso ocorreu somente a partir da segunda metade do século XIX, devido ao processo de escravidão, que não permitia que pessoas negras frequentassem a escola (Romão, 2005). No entanto, apenas acessar espaços escolares não é suficiente para que um(a) estudante tenha educação com padrões mínimos de qualidade. Para isso, é necessário ter o mínimo de insumos, como por exemplo, alimentação balanceada, acesso a material didático, hidratação correta, higiene adequada, garantia de inclusão e permanência, dentre outros fatores, os quais foi negligenciado e até mesmo negado durante anos aos negros no Brasil.

Esses padrões mínimos de qualidade podem, inclusive, influenciar na escolha em fazer um curso de graduação. Uma vez que para algumas pessoas, optar em fazer cursos como odontologia e medicina, graduações que precisam de instrumentos e materiais individuais caros, e que na maioria das vezes são custeados pelos estudantes. A ausência desses materiais pode, inclusive, impactar negativamente na qualidade da educação, podendo assim impactar na permanência do aluno.

Imaginar que para algumas pessoas, a possibilidade de fazer medicina já é desencorajada pelo fato de não conseguir obter recursos financeiros para se manter



na universidade, ainda mais se for pública, onde o primeiro gargalo é conseguir se imaginar cursando e assim se inscrever para participar da seleção. Portanto, faz-se importante pensar para além dos fatores raciais e de gênero. Acrescentando também questões sócio-financeiras nessa discussão.

Assim como eu, a Djane tinha vontade de fazer um curso mais concorrido que o de Química, no entanto, ao perceber que deixaria de ajudar a família financeiramente, preferiu escolher um curso que segundo ela, demandaria menor custo para sua permanência. Isso pode ser observado na seguinte narrativa:

Na verdade, eu queria muito fazer medicina, mas eu sabia que eu não tinha condições financeiras para arcar com o curso de medicina, eu falei, mas química né. Eu já conheço, dá pra cursar, sem livros dá para fazer (Jesus, 2022).

Logo, a escolha profissional perpassa também por questões financeiras, no que tange a permanência no curso. Segundo Felipe Martins (2018), alunos com melhores condições socioeconômicas geralmente seguem carreiras mais prestigiadas socialmente e que costumam gerar retornos financeiros maiores mais rapidamente, como por exemplo, Medicina. Segundo o mesmo autor, a origem socioeconômica, racial e o gênero podem influenciar a escolha em se fazer um curso de graduação de menor prestígio social. No caso da Djane, isso pode ter ocorrido, mesmo que inconscientemente.

Entendendo como ascensão social um movimento pelo qual um agente ou um grupo social, realiza uma mudança de classe social ou camada de classe para outra socialmente superior (Souza, 2021). Tendo como classe social sendo a estratificação em termos de posição nos processos sociais de produção, dominação e ideologização, logo, será admitido não apenas a posição em instâncias financeiras, mas também a relação dos agentes com poder (Souza, 2021).

Então, não tem como negar que desde o período da escravidão para os negros no Brasil, uma forma de ascensão social seria a partir do que eles não teriam acesso, que é a educação formal. Tanto quanto na minha família, quanto na família da Djane, existia o anseio nosso e dos nossos familiares, de conquistas de espaços de poder (acesso e permanência em instituição de ensino) além de uma melhora da nossa vida financeira a partir do estudo. Esse anseio pode ser observado na vida da Djane na seguinte narrativa:

“Eu sou oriunda de uma família que as pessoas tinham até, no máximo, a quarta série primária, quem mais tinha. Mas era uma família que acreditava muito que o ensino tinha um viés transformador muito grande. Eles simplesmente não tiveram oportunidade disso. Pessoas muito inteligentes, capazes, assim eu posso dizer. Mas sem essa oportunidade na vida. Eu não entendia o porquê eu acreditava, eu tinha um sentimento que quando eu nasci.

(...) Eu tinha um sentimento dentro de mim que havia um anseio de quem estivesse ali, no meu nascimento, que eu fosse diferente. Que eu mudasse aquela situação. Eu acreditava que era meu pai, porque meu pai sempre me incentivou. Que eu conseguiria mudar toda a história estudando. Com esse processo de ensino-aprendizado ele sempre apostou muito nisso” (Jesus, 2023)

No caso da Djane, seus pais e seus avós foram seus maiores incentivadores, para que ela pudesse realizar uma transformação social e financeira através da educação. Esse incentivo pode ser observado também no seguinte trecho relatado durante a segunda entrevista, no período em que ela precisou retornar para Salvador após o falecimento de sua avó.

“Nós mudamos de Salvador para Sergipe e lá eu pude ter acesso a escola técnica federal de Sergipe e lá era bem próximo de onde a gente morava, e eu pude fazer a seleção. Quando eu voltei de novo pro subúrbio. Voltei para Salvador, pela morte de minha avó. Meu pai voltou, e aí foi aquela questão... E agora, né? Eu devia ter 13 ou 14 anos (...). Como é que deixa ela ir para o Barbalho, né? Como é que deixa? Então vamos deixar ela estudar lá mesmo no bairro. Lá era assim, os amigos que tinham filhos, eles mesmo davam orientação para os filhos dos outros. Todo mundo queria saber e se preocupava, né? Então tinha uma grande família, entre aspas, amigos de meu pai. Como é que deixa? Só que meu pai falou. Agora, não dá para voltar atrás. Como é que ela tem a oportunidade de entrar na escola técnica e agora chega aqui, ela tem essa oportunidade e eu vou barrar? Não, eu não vou barrar aí, tipo assim, vou colocar minha conta em risco. Vou mandar. Vou botar a conta em risco, então ela vai estudar lá sim” (Jesus, 2023).

Em outro trecho da segunda entrevista, a Djane informa sobre o incentivo de seu pai, que mesmo tendo até a quarta série primária passava aos seus filhos sobre a importância de estudar.

“Meu pai sempre dizia, a educação vai mudar a sua vida. Você quer mudar a sua vida, você quer um futuro diferente disso que você está vivenciando, vivendo aqui, estude. Se eduque” (Jesus, 2023).

No meu caso, minha mãe e meu pai foram meus maiores incentivadores e referências de que uma ascensão social poderia se dar a partir dos estudos. Visto que, a minha própria mãe e meu pai faziam e fazem questão de relatar as dificuldades passadas por eles e elas durante a infância e o quão bom e satisfatório foi proporcionar uma mudança na vida financeira de sua família. Proporcionando para os meus avós melhor qualidade de vida, e para os seus filhos a possibilidade de estudar em boas escolas e universidades.

No meu caso, atualmente, a minha mãe é a minha maior incentivadora, uma vez que eu não me imaginava seguindo um percurso acadêmico, no entanto, Dona Sônia me via e foi devido à sua insistência que me inscrevi no processo seletivo para o mestrado. No caso da Djane, tendo o seu pai como maior influenciador.

Segundo relatos de minha mãe, meu avô paterno, sempre dizia: “A única coisa que ninguém pode tirar de você é o seu conhecimento, por isso, o melhor investimento é possibilitar uma educação de qualidade”. E isso norteou a minha mãe que sempre se esforçou para manter seus filhos em escola particular, na crença de que aquela instituição de ensino iria nos proporcionar um processo de ensino e aprendizado de qualidade. E é por isso que minha mãe sempre se orgulhou em dizer que investiu caro na minha educação, pois era algo que ninguém poderia tirar de mim. Portanto, tanto na minha família, quanto na família da Djane, a educação era também uma esperança de um futuro melhor, de empregos, salários cada vez melhores.

Eu e a Djane, a partir da educação que nos foi dada, tivemos uma boa qualificação profissional que atrelado ao fato de não desistirmos das dificuldades da vida, além de sermos boas no que nos propusemos fazer. Conseguimos, de alguma forma, acessar espaços que para o negro e negra brasileira, por vezes é negado devido a diversas questões.

Poder realizar viagens com fins acadêmicos, apresentar pesquisas em eventos científicos, atuar como profissionais respeitadas em nossas áreas de atuação são algumas das situações que nos revelam uma ascensão social, uma vez que estamos inseridas nos processos sociais de produção do conhecimento, o que algumas pessoas que possuem características semelhantes às nossas, infelizmente não obtiveram por diversas razões, incluindo, devido às desigualdades e obstáculos presentes na sociedade brasileira, sendo muitos deles derivados de critérios raciais,

sociais e de gênero. Além disso, a partir da troca de nossa mão de obra e trabalho intelectual pelo capital, pudemos realizar alguns sonhos.

Ao ser questionada, durante a segunda entrevista, em como que é ser referência na família, em Periperi, na faculdade, no IFBA e quais foram os sonhos realizados a partir de suas conquistas acadêmicas e financeiras a Djane respondeu:

“Acho que é a concretização de um sonho. Imagine, né? Uma menina sonhando. É uma menina negra, sonhando em ser rainha do milho. Eu tive esse sonho um dia, quando eu tinha 7 anos e na escola que eu estudava, ninguém, só um menino me escolheu.

Eu me candidatei e só um me escolheu pra vender votos (...)

Eu também me emociono com isso.

Cada um pegava uma lista de 50 nomes e tinha que passar aqueles 50 nomes para ser votos para quem você queria que fosse a rainha do milho, só tinha eu e esse menino que foi o único que acreditou no meu sonho de que eu poderia ser rainha do milho. Então eu cheguei em casa e disse a meu pai. Meu pai, eu quero ser rainha do milho. Aí, meu pai falou, minha filha, você quer? Você vai ser.

E meu pai passou a ir todos os dias na escola, querendo saber quem estava na minha frente.

E ele, nessa época, trabalhava na Ciquine, no polo petroquímico. Ele assinava as listas.

Ah, me dê uma lista aí, tal está aqui o dinheiro e ele assinava todos os dias para saber em que colocação eu tava. Daqui a pouco ficou eu e a filha do dono da padaria. Ela era loira e era descendente de espanhol.

O pai dela e meu pai, o pai dela e o meu pai. Até que um dia o pai dela falou, não! É a última lista.

Aí disseram, olha seu Djalma, o pai dela veio aqui e disse que era a última lista que ele ia assinar. E meu pai. Venha cá, minha filha precisa assinar quantas listas para passar na frente dela? Assinou todas as listas que faltavam. E eu fui rainha do milho.

E ali, naquele momento, eu disse. Tudo que eu quiser ser eu consigo. Pode ser difícil, mas eu preciso seguir as regras (...)

Tudo isso que aconteceu na minha vida concretizou o sonho de uma menina que disse, eu posso.

Como meu pai me disse, né, o que o pai diz é lei. Que era através da educação, então eu vou estudar, eu não posso parar de estudar. Então eu acho que o meu amor pelo estudo até hoje. Eu estudo até hoje eu gosto de estudar, de ler livros, de buscar coisas novas. Devido a isso e é através daí que você vai conquistar os seus sonhos. (...)

Não foi fácil trilhar esse caminho, porque sonhar é fácil, tornar um sonho em realidade não é principalmente onde nós vivemos, né? Não é. Mas eu sempre lembrava da rainha do milho. Sempre lembrava de cada lista, então para mim, assim, qual lista que falta para eu conquistar isso, né? Eu digo isso para mim, então isso eu vou passar, né? Isso eu vou conquistar (...)

Por quê? Porque, assim como me disseram naquele dia, não é seu lugar ser rainha do milho, não é seu lugar, né? Tem vários aqui. Ninguém te escolheu só um, mas teve um que me escolheu. Eu falei, sim, é meu lugar, porque eu quero o lugar e eu vou lutar por ele. (...) e eu digo isso para você porque hoje eu moro, né? Aqui em Lauro de Freitas, eu moro próximo a Vilas do Atlântico. Eu tenho uma casa muito boa, eu tenho um carro muito bom.

No caso da Djane a educação formal proporcionou reconhecimento, a casa dos sonhos, um bom carro, acesso a locais dos quais não imaginava alcançar durante a infância e isso pode ser evidenciado também na seguinte fala durante a segunda entrevista: “A educação formal, vamos dizer, foi determinante para as minhas conquistas” (Jesus, 2023).

No meu caso, em específico, percebi minha ascensão social ao viajar para outros estados com a finalidade de participar de congressos e seminários apresentando trabalhos acadêmicos, acessar a pós-graduação, receber convites para participar de palestras, ser respeitada no ambiente de trabalho e também ao sonhos e acessar locais dos quais meus pais não conseguiram realizar, como por exemplo, o de proporcionar uma viagem com a minha família para outro estado e a compra de um carro.

Desse modo, a nossa ascensão social relaciona-se com as colonialidades do saber e poder, pois a partir de aspectos intelectuais, rompemos em certa medida, algumas configurações de poder existentes na humanidade, acessamos posição de poder social, financeiro e até mesmo político.

#### **7.4. A COORDENADORA SOU EU!**

Ao pensar que a mulher negra é atravessada pela colonialidade em diversas dimensões, incluindo a qual determina quem pode fazer Ciência e a de quem pode ocupar lugar de poder a partir de seus conhecimentos científicos. A Djane Santiago de Jesus percebeu, ainda no ensino médio, o atravessamento da colonialidade do saber em sua vida. Ao ser questionada sobre algum momento em que se sentiu menosprezada relatou o seguinte fato:

“(..) várias vezes chorei nessa situação de não ter sido escolhida, de não acreditarem em mim...

(..) quando eu não era escolhida para fazer parte de uma equipe, né. Eu me lembro bem que eu sempre estudei muito, mas eu era muito rápida. Eu não voltava às questões e tal. E já na escola técnica, em matemática, naquelas equações... eu... trocava mais por menos e tal... Eu sei, que na última prova eu precisava de 10 de 10, para passar direto, né, e haviam seis pessoas que estavam assim. E eu me lembro que eu vi o pessoal dizer assim... Ela, não. Não escolha ela não. E eram seis pessoas. Então, a professora fez a última prova, era assim, em trio, e eu não fui escolhida. Fiquei com as outras duas que menos sabiam porquê?! E eu falei para elas

assim.. eu só peço que vocês repassem, se eu não erreí sinal. Pode deixar que eu resolvo as questões. (..) E nós tiramos 10 de 10, eu fui aprovada e então começou assim na própria escola não escolhida né.

E depois, até mesmo quando Sérgio me escolheu como orientanda. Ele tinha muito medo porque sabia como era o instituto de química, sabia como era o departamento de química analítica. E vários percalços aconteceram, de dar trabalho para apresentar, que não tinha competência (..) E Sérgio sempre foi meu norte, ele dizia, não, você sabe que você tem, você sabe que você pode (Jesus, 2023)”.

Mas a colonialidade do saber não atravessou a sua vida apenas nesses momentos, esse atravessamento ocorreu, inclusive, quando ela já era professora concursada da escola técnica e havia se tornado doutora. Isso pode ser observado a partir da seguinte narrativa:

“Eu terminei o doutorado com treze artigos publicados, já era pesquisadora do CNPQ.

(...) Eu já era professora da Escola Técnica e ninguém tinha olhado meu currículo ainda(...) e ninguém achava que eu tinha muito essa capacidade. Quando um dia, por eu me candidatar a diretora da instituição, olharam meu currículo aí e falaram! Quem é essa?!

Porque até então não sabiam. Não fazia muita propaganda. Eu só tava fazendo meu mestrado, meu doutorado e todo mundo sabia disso, mas nunca ninguém tinha olhado meu currículo e aí começaram a me olhar de outra maneira.

(...) cheguei até o cargo de coordenadora de pós-graduação e pesquisa” (Jesus, 2023).

Tanto na escola técnica, enquanto aluna e professora, quanto na pós-graduação, a Djane se viu em situações das quais precisou provar de que era detentora de conhecimento científico, além do fato de reivindicar, sempre que possível o seu lugar em espaço acadêmico. Essas narrativas evidenciaram a existência das colonialidades do saber. Uma vez que, a Djane precisou provar de diversas maneiras que era uma cientista, estudante promissora, capaz de ir além do julgamento errôneo das pessoas frente a uma mulher negra.

A doutora Djane assumiu diversos cargos de liderança ao longo de sua carreira. Durante a sua entrevista ela narrou um fato que ocorrera o atravessamento das colonialidades do saber, poder e ser enquanto a pioneira ocupava o cargo de liderança, o de coordenadora de pós-graduação e pesquisa.

“Chegou uma professora lá e falou assim... Eu queria falar...Eu andava muito com a professora Heloísa, e a professora Heloísa é uma mulher

branca. Ela chegou e disse: - Eu queria falar com a professora Djane. E eu, pode falar.

Ela: - Não, é com a professora Djane que eu quero falar!

Eu falei, você pode falar. Sou eu!

Ela falou, não é aquela branquinha não?

Eu falei, não! Sou eu!

Ela: - Desculpa é porque (...)

(..)Saía sempre meu nome né... A professora Djane coordenou o projeto. A professora Djane ganhou tal projeto. Ela não sabia quem era a Djane, nem quem era a outra professora, a Vice-coordenadora.

Ela achou que só a branca poderia ter esse respaldo, poderia ter ideias.

As pessoas não querem reconhecer e acreditar.... enfim né. Mas querendo ou não me aposentei como professora titular (Risos). Aceitando ou não. Querendo ou não” (Jesus, 2022).

O atravessamento das colonialidades do ser, poder e saber podem ser interpretados nesse evento. No que tange a colonialidade do ser, pode ser observada onde a pessoa que chegou à sala ao se deparar com duas mulheres (uma branca e outra negra), obteve um conceito prévio de que a Djane, a mulher negra da sala, estava automaticamente no cargo inferior ao da mulher branca, ou seja, mesmo que inconscientemente, imaginou que a mulher preta estaria subordinada à branca. Até porque, ao longo da história da mulher como trabalhadora remunerada, a mulher branca tende a possuir um destino melhor para alcançar e permanecer em cargos de liderança que o da trabalhadora negra. Embora a mulher negra tenha iniciado com a prática do trabalho remunerado (hooks, 2020).

A colonialidade do saber pode ser interpretada pelo fato de possivelmente relacionar o nome da Djane como um nome de uma potência, ao ser vinculado a ganhar projetos e participação de pesquisas. Automaticamente, a mulher associa-se a uma pessoa que está dentro de um certo padrão eurocêntrico de cientista (pessoa branca), até porque a colonialidade do saber também atinge quem produz o conhecimento científico. Já a colonialidade do poder, está relacionado ao fato que normalmente, as pessoas que ocupam lugar de poder, ou cargos de liderança no trabalho são pessoas brancas. Logo, mesmo que inconscientemente o pré julgamento pode ter acontecido a partir de critérios de cor de pele e traços fenotípicos, ou seja, racial.

O fato de ter uma mulher negra em um dos cargos de mais alto nível na instituição federal, para muitos, é motivo de desconfiança, estranhamento e até mesmo incredulidade. Mesmo a Djane estando em um dos maiores cargos de liderança na instituição, o racismo que se mantém de forma estrutural, a atingiu no

momento em que a pessoa que a procurava e não a conhecia idealizou que esse cargo e deveria ser ocupado pela mulher branca que estava na mesma sala que a Djane. Talvez, pelo fato de ser impensável, uma mulher negra chegar a um cargo de liderança e poder em uma instituição de ensino federal.

Pensar que em apenas um episódio da vida da Djane pode ser identificado pelo menos três colonialidades (ser, saber e poder), é fundamental para entendermos que embora existam várias colonialidades, elas poderão estar presentes em apenas uma fala, um momento de nossa vidas, visto que as colonialidades podem ser sobrepostas, interseccionadas por não serem excludentes.

Durante a entrevista ao rememorar esse fato, a Djane finalizou com risos, o que pode ser interpretado como uma forma de satisfação e até mesmo um afrontamento ao ter alcançado um lugar, que para algumas pessoas, é impensável uma negra alcançar. Nesse momento da entrevista fiquei extremamente orgulhosa, representada, satisfeita pela resposta dada, pela postura da Djane, de não abaixar a cabeça e pela atitude frente ao episódio racista.

## **7.5. NÃO SOMOS GUERREIRAS E SIM VENCEDORAS**

Para muitos, por muitos anos a mulher era sinônimo de fragilidade e delicadeza e por isso, naturalmente precisavam de ajuda (Davis, 2016). No entanto, as mulheres negras, desde o período da escravização eram obrigadas a ser mão de obra, realizando atividades das quais eram destituídas da possibilidade de ser frágil. Nesse sentido, cabia à mulher negra possuir características longínquas da fragilidade, ou seja, para elas cabiam ser uma fortaleza (Davis, 2016).

A Sojourner Truth em "*Ain't I a woman?*", discurso feito na *Women's Rights Convention* em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 29 de maio de 1851 reivindicou seu lugar de mulher no seu potente discurso, o qual explicitou que as mulheres que naturalmente eram ajudadas por homens em atividades básicas da época, como por exemplo, subir em uma carroça, na verdade se restringiam às mulheres brancas, visto que, ela, uma mulher negra, jamais foi ajudada ao realizar atividades cotidianas.



Logo, socialmente, algumas mulheres são vistas como frágeis e outras são vistas como fortes, a partir de critérios raciais. Sendo a mulher frágil a que é digna de empatia e cuidado, já a mulher forte não carece de empatia, cuidado e ajuda. No entanto, essa fortaleza na verdade pode ser constituída devido a diversas coibição de sentimentos.

Por alguns anos a repressão dos sentimentos foi interpretada como símbolo para determinação de uma personalidade forte, guerreira, aquela que suportará toda e qualquer atrocidade da vida, uma vez que a mínima demonstração de sentimento poderia ser interpretada como símbolo de fraqueza (hooks,1993). Para alguns, o melhor e maior ato de amor e afeto seria a garantia de saúde, alimentação, estudos, segurança e incentivo (hooks,1993). E isso pode ser observado, a partir do trecho da fala da Djane relatada no nosso segundo dia de partilha, o qual a mesma narrou como a sua avó a incentivava, demonstrando afeto e ao mesmo tempo a acolhendo.

“Minha avó, não deixava eu baixar a cabeça. Então às vezes eu chegava triste, e eu queria chorar e ela dizia. Engula o choro, engula seu choro. Por que esse choro? Porque?  
E hoje é como se ela tivesse falando assim para mim. Esse lugar é seu. Esse lugar é para você, sim. Porque é que você vai chorar? Esse lugar é pra você! E o tempo que você está chorando vai procurar formas de alcançar aquilo ali” (Jesus, 2023).

Nesse trecho é possível notar que sua avó, na sua sabedoria, enquanto acalentava a Djane, também indicava que a sua neta deveria aprender a lidar com as adversidades da vida superando-as, indo além da dor.

Quando se trata da mulher negra brasileira é possível escutar as frases “Ela é forte” e “Ela é uma guerreira” para se referir às mulheres negras. Esses adjetivos fortalecem com o que era imposto no período da escravização, onde as mulheres negras eram submetidas a realizarem atividades pesadas, comumente em lavouras, em locais insalubres e jornadas exaustivas, visto que cabe às guerreiras pouco descanso, suportar e resistir a todo e qualquer tipo de atrocidade sem sequer ter um tipo de ajuda (hooks, 2020). Essa ideia da mulher negra forte é também consolidada quando se reprime sentimentos atrelados à sobrecarga e ao estresse, ocasionados tanto no trabalho quanto nas relações familiares (hooks,1993). No entanto, é preciso reivindicar o local de humanidade às mulheres negras, logo, é importante se permitir vivenciar momentos de fragilidade, demonstração de sentimentos, afeto e cuidado. E

esse lugar também foi reivindicado por mim e pela Djane ao nos proporcionar o momento da entrevista regado de afeto, emoções e admiração.

Para além disso, a própria Djane não se reconhece como uma guerreira, o que é notado nessa narrativa

“A nossa história se repete, não só no sofrimento mas na alegria né, então assim que a sua história né se conclua que nem a minha que eu digo eu tenho meus sonhos todos realizados eu sou uma pessoa feliz! E todos percalços que eu passei nessa história de luta né eu não vou dizer que eu sou uma guerreira eu sou uma vencedora! A guerreira fica na luta! Luta o tempo todo e não há momentos de vitória, então é isso que eu te digo a você que está nesse momento talvez de luta mas o de Glória virá!”( Jesus, 2023).

Nesse trecho, é possível perceber que embora as mulheres negras sejam estereotipadas como fortes e guerreiras, é interessante notar que a Djane não se vê como uma guerreira e sim como uma vencedora. Logo, é importante reconhecer que a sua subjetividade está também associada à certeza de que não está na Terra apenas para servir o outro, mas sim para viver seus momentos de alegria e realizações. Em virtude disso, nós duas estamos enfrentando, de alguma forma, a colonialidade do ser à qual determina o status de guerreira às mulheres negras. Portanto, nos vale a importância de comemorar as realizações dos sonhos e as pequenas conquistas, pois não só de luta se vive.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre relações raciais, sociais e de gênero em pesquisas que abordam a Ciência é de extrema relevância, principalmente quando se tem a narrativa de uma pioneira na área. Por essa razão, esta pesquisa se revela importante como uma possível estratégia para se pensar a Ciência e o ensino da Ciência, principalmente a Química.

Nesse sentido, há disponibilização dos materiais audiovisuais obtidos durante a gravação da entrevista que estão disponíveis através dos Qrs codes presentes no anexo A e B. De modo que possibilite a divulgação de trechos da entrevistas para fins de divulgação científica, que poderão ser utilizados como recurso pedagógico por docentes em suas aulas, principalmente nas disciplinas que abrangem a área de Ciências da Natureza. Para que alunos da educação básica e ensino superior, possam reconhecer a existência de mulheres pretas, soteropolitanas, química, potentes em seu campo de atuação.

Ao longo dessa pesquisa me debrucei sobre diversos textos que me fizeram repensar a minha prática docente, meu comportamento frente em sala de aula, minha escolha profissional e acadêmica, bem como a importância do apoio da família ao se traçar uma vida acadêmica. Imbricado a essas reflexões, durante as entrevistas, me senti representada entre as diversas narrativas evidenciadas pela Djane. A cada pergunta respondida me via imersa em um turbilhão de emoções, por hora me sentia representada, entusiasmada, fascinada, encantada, emocionada, orgulhosa da trajetória que estava diante de mim. No entanto, em alguns momentos das entrevistas também acessei opressões e gatilhos negativos. Pois, as nossas vivências também são marcadas por situações racistas e preconceituosas.

Ao longo do percurso metodológico dessa pesquisa pude revisitar algumas memórias do passado, me fazendo lembrar sobre o meu processo de educação formal, meu comportamento enquanto aluna em sala de aula, o quão bom foi entrar na reitoria da UFBA com todos os meus amigos e familiares me prestigiando, na cerimônia de colação de grau em licenciatura em química. Lembranças que me norteiam nas minhas ações enquanto docente da educação básica, e é nesse sentido que acredito ser de extrema importância a valorização do conhecimento, da

beleza e do psicológico dos pretinhos e pretinhas que foram, são ou serão meus alunos, pois, provavelmente, eles já foram atravessados pelos ranços coloniais dos quais inferiorizam a mulher e pessoas negras em diversas dimensões.

Durante o processo de pesquisa, também notei o comportamento de alguns dos meus alunos pretos e pretas, em sala de aula predominantemente ocupados por estudantes brancos e brancas. Ao perceber que a maioria dos meus alunos negros e negras possuem atitudes de retração ou de combatividade, me questionei se esses comportamentos seriam decorrentes a possíveis microagressões que podem ter sido vivenciado por eles em ambientes educacionais. Quando retraídos, existe o imaginário de serem bons alunos, por parte de alguns docentes, e quando são julgados como combativos, por serem questionadores, explosivos, atentos às questões raciais e sociais, notei a existência que aqui, classifico, como um conceito prévio, sendo em sua maioria taxados como problemáticos, por parte de alguns docentes. Após me debruçar sobre as questões raciais, de gênero e as colonialidades (ser, saber e poder), me questionei sobre alguns rótulos indicados por colegas de profissão aos estudantes negros e negras, e me questionei sobre até que ponto essas questões se inserem em sala de aula, revelando, que o não silenciamento de pretinhos e pretinhas ainda pode incomodar algumas docentes.

O processo de escrita dessa dissertação também me rememorou sobre o quão é necessário revelar a importância da família na educação desses jovens, e o quanto cada família está investindo na educação deles, valorizando o processo de educação formal. Também lembrei que meus amigos e familiares, no dia da minha solenidade de formatura em química, não apenas me parabenizaram, mas também, parabenizaram a minha mãe, pois, embora o diploma viesse com o meu nome, aquela conquista era coletiva, era também da minha família, e sem o apoio deles seria ainda mais difícil conseguir finalizar a graduação em uma universidade pública.

Acredito que de certa forma, ocupo um lugar de referência para alguns pretinhos e pretinhas. Entender que esse lugar por muitas vezes foi questionado ou até mesmo desqualificado devido a critérios raciais, de gênero e às colonialidades (ser, poder e saber) foi fundamental para entender a minha subjetividade naquele espaço onde trabalho. Além disso, os estudos sobre os referenciais teóricos desta dissertação me fizeram inserir e relacionar questões atreladas à Ciência, as relações raciais, de gênero e seus desdobramentos na minha prática enquanto docente, de

modo a propor diferentes atividades que valorizam e evidenciam diversos negros e negras na Ciência.

Durante as entrevistas, prevaleceram a admiração, entusiasmo e a emoção pela história de vida da Djane. Escutei a pioneira falar de si, vi e ouvi seus silenciamentos repentinos, seu sorriso largo, suas risadas, a diminuição e aumento da voz e seu entusiasmo em rememorar sua trajetória, cercada de emoções. Saber que estava tendo o privilégio de ter as narrativas dessa pioneira na minha dissertação, foi um combustível a mais para a conclusão desse texto. A sua história de vida potente e necessária, por vezes entrelaçadas à minha trajetória, também me enriqueceram de afeto, principalmente quando percebia semelhanças em nós.

A dissertação tem como objetivo geral investigar, por meio de uma pesquisa histórica e biográfico-narrativa, a trajetória acadêmica da primeira mulher negra a doutorar-se em Química na Bahia e relacionar possíveis entrelaçamentos com a trajetória acadêmica de outra mulher negra em diferente momento histórico. Para isso, pode-se concluir que as categorias raciais e de gênero à qual infere à mulher negra um local de subordinação, são construções sociais impostas a partir do processo de colonização, cabendo ao homem branco a posição de superioridade e poder frente a sociedade. Logo, mulheres negras podem ter suas vidas cruzadas por ranços coloniais da qual pressupõe certo grau de inferioridade e estereótipos limitantes a elas.

Para alcançar o objetivo foi realizado o levantamento estatístico nos bancos de dados físicos e na Plataforma Sucupira do PGQUIM da UFBA considerando o marcador raça das egressas e egressos dos últimos 28 anos, o que resultou na identificação da primeira mulher negra a concluir o curso de Doutorado em Química da UFBA e conseqüentemente na Bahia, que é a Doutora Djane Santiago de Jesus.

A partir da identificação dessa pioneira foi possível realizar entrevistas onde foi possível determinar a sua trajetória acadêmica e profissional, assim como também já foi possível relacionar algumas relações coloniais.

Utilizando a escrivência como metodologia para apresentar os entrelaçamentos da trajetória de vida dessa pioneira com a da autora principal desta pesquisa, foi possível concluir que duas mulheres negras, químicas, soteropolitanas, formadas pela UFBA mesmo em diferentes momentos históricos, são atravessadas pelas categorias de raça e gênero, assim como a colonialidade do ser, saber e

poder. Sendo que esses atravessamentos influenciaram na escolha profissional, de modo a interferir na priorização do trabalho intelectual e também em nossos comportamentos em sala de aula quando alunas.

A partir das duas trajetórias apresentadas na pesquisa é possível indicar caminhos possíveis para as mulheres negras na Química, principalmente, para as que participam de uma parcela da população que não pode apenas estudar e precisam conciliar o estudo com o trabalho. Também é possível notar que mesmo tendo vivenciado os processos de educação formal em tempos históricos diferentes, as duas mulheres tiveram suas trajetórias atravessadas pelas categorias raciais, de gênero e as colonialidades do ser, poder e saber.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- AMERICAN Masters: Decoding Watson. Direção de Mark Mannucci. [S.L]: Kpbs, 2019. (85 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uXCd6r0n3D4>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- ANDRADE, Jailson B. de; CADORE, Solange; VIEIRA, Paulo C.; ZUCCO, César; PINTO, Ângelo C.. Eixos mobilizadores em Química. **Química Nova**, [S.L.], v. 26, n. 3, p. 445-451, maio 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-40422003000300025>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-40422003000300025>. Acesso em: 21 jul. 2022.
- BARTELMÉBS, Roberta Chiesa. Analisando os dados na pesquisa qualitativa. 2013. Disponível em: [http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1453/1/Texto\\_analise.pdf](http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1453/1/Texto_analise.pdf). Acesso em: 5 jul. 2023.
- BATISTA, Eraldo Carlos; DE MATOS, Luís Alberto Lourenço; NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, v. 11, n. 3, p. 23-38, 2017.
- BRASIL. Adriano Lisboa Monteiro. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) (org.). **Relatório Seminário de Acompanhamento 2015: área de avaliação: Química**. Brasília, 2015. 41 p. Disponível em: [https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/04\\_QUIM\\_RelSem\\_2015.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/04_QUIM_RelSem_2015.pdf). Acesso em: 21 jul. 2022.
- BRAGA, Mauro Mendes; AZEVEDO, Sérgio de. Formação e trabalho de mestres e doutores em química titulados no Brasil. **Química Nova**, [S.L.], v. 25, n. 4, p. 696-712, 26 jun. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-40422002000400028>.
- BROCKSOM, Timothy John; ANDRADE, Jailson Bittencourt de. A evolução da pós-graduação em Química no Brasil. **Química Nova**, v. 20, p. 29-39, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína.; FERREIRA, Marieta De Moraes . (Org.). Usos & abusos da história oral 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.183-191.
- BORN, Claudia. (2001). Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. *Sociologias*, (5), 240–265. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222001000100011>.
- CARVALHO, Tássio Mascarenhas de; SILVA, Cristiane Rodrigues da; BIANCHI, Eliane Maria Pires Giavina Análise Crítica da Pesquisa Narrativa. Pesquisa,

Sociedade e Desenvolvimento , [S. l.] , v. 10, n. 8, pág. e54510817743, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i8.17743. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17743>. Acesso em: 24 jan. 2022.

CLANDININ, Jean.; CONNELLY, Michael. **Narrative inquiry**: experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass, 2000. p. 19 -25.

CLANDININ, Jean.; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa**: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CONCEIÇÃO, Caliane Costa dos Santos da. **HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS NEGRAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO IFBA**: e eu, eu não sou uma cientista?. 2021. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Profissional e Tecnológica, O Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Profissional e Tecnológica – Profept, Polo Ifba/Salvador, Instituto Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/profept/pdfs/dissertacoes/turma2/caliane-costa-dos-santos-da-a-conceicao.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2023.

CUNHA, Leandra da Silva. Mulheres negras e pós-graduação: presença de cientistas negras no Centro de Ciências Naturais e Exatas da Universidade Federal de Santa Maria (2008-2020). 2021.

CURIEL, Ochy. **Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista**. *Nômadias*, 26, 92-101, 2007. Disponível em: <http://nomadas.ucentral.edu.co/index.php/component/content/article?id=298>. Acesso em: 29.nov.2021.

CURIEL, Ochy. Las Claves de Ochy Curiel. **Feminismo decolonial**. Youtube.2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ZSHqvKLANQ>. Acesso em: 01 nov. 2021.

Collins, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. **Cadernos Pagu**, n. 51, p. e175118, 2017. <https://doi.org/10.1590/18094449201700510018>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700510018>. Acesso em: 07 jan. 2023.

DAMASCENO, Larissa Maiara da Silva. et al. Potencialidades e limitações da coleta de dados através de pesquisa online. **En: Anais do XVII SEMEAD Seminários em Administração**, p. 1-15, 2014

Da Silva, Dione Aparecido Ferreira; Morais, Rodrigo Fernandes; De Almeida, Viviane Morcelle; Ossofo, Abudo Atumane; Oliveira, Thais Guimarães; Santos, Antonio Carlos Fontes. Identidades de Gênero e de Raça Nas Trajetórias Acadêmicas em Ciências Exatas. **Perspectivas da Educação Matemática**. INMA/UFMS, v. 11, n. 27, 2018.

DA SILVA, Fabiane Ferreira; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.



DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

DIAS, Jussara Marques de Medeiros ; LUZ, Nanci Stancki da . Relações étnico-raciais e gênero na ciência: a situação da mulher negra no Brasil. **Cadernos de Gênero e Tecnologia (Cefet/PR)**, v. 29 e 30, p. 1, 2014.

DIMENSTEIN, Magda, *et al.* Gênero na perspectiva decolonial: revisão integrativa no cenário latino-americano. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020.

ELIAS, Marcelo Alberto; DE OLIVEIRA PEREIRA, Ana Caroline. A invisibilidade da mulher negra na Ciência: uma análise a partir de livros didáticos de Ciências e Biologia. **Revista Educar Mais**, v. 5, n. 3, p. 491-499, 2021.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, p. 26-47, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Revista Continente Multicultural# 267:**" A gente quer o manto da justiça". Cepe editora, 2023.

FASCIO, Miguel; MARTINS, Dirceu. **Breve História do Instituto de Química**. 201-?. Instituto de Química da UFBA. Disponível em: [http://www.quimica.ufba.br/iqufba/?page\\_id=8.%20%20Acesso](http://www.quimica.ufba.br/iqufba/?page_id=8.%20%20Acesso). Acesso em: 29 nov. 2021.

FELIX, Tatiane da Silva Pires; VIOTTO FILHO, Irineu Aliprando Tuim. Processo de intimidação-timidez na construção da personalidade dos estudantes: reflexões sobre intervenções ludo-pedagógicas na escola. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 27, n. 3, p. 247-263, 2016.

FIGUEIREDO, João Batista Albuquerque. A perspectiva eco-relacional e a educação intercultural no entrelaçar de afetos: a descolonialidade do saber com foco na sustentabilidade ambiental. Florianópolis: ARIC, 2009.

GIL, Antonio Carlos *et al.* Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, v. 23, p. 67-80, 1994.

GOMES, Camilla de Magalhães. Gênero como categoria de análise decolonial. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 18, p. 65-82, 2018.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro *et al.* As mulheres praticando ciência no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 1, p. 11-30, 2016.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Rio de Janeiro, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, 29(01) 93-108, 2003.

HISTÓRICO. Programa de Pós-Graduação em Química. Disponível em: <https://ppgq.ufba.br/pt-br/historico-0>. Acesso em: 22 fev. 2021.

hooks, bell. Living to love. **Sisters of the Yam: Black Women and Self-Recovery** Boston:South End Press, 1993. p.129-147. Tradução de Máisa Mendonça, disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em 07. nov. 2023.

hooks, Bell. Intelectuais negras. **Estudos feministas**, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

hooks, Bell. Abraçar a mudança: o ensino num mundo multicultural. In:**Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla- 1. Ed- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. p. 51-64.

hooks, Bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Tradução Bhuvi Libano. - 6. Ed- Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2021.

JACOBSON, Anne .The scourge, the scientist, and the swindle. Oak Park, Illinois, United States. 2020. Disponível em: <https://hehint.org/2020/08/18/the-scurge-the-scientist-and-the-swindle/>. Acesso em: 30.nov.2021.

JESUS, Douglas Castro de. Injustiças, opressões epistêmicas e educação. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 123f. 2022.

JESUS. Djane Santiago de. Depoimento [jun. 2023]. Entrevistador. Taisa Maria Sacramento Said. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2023. 1 arquivo .mp4 (46 min e 42 seg). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a trajetória acadêmica da primeira Doutora em Química da Bahia.

JESUS. Djane Santiago de. Depoimento [nov. 2023]. Entrevistador. Taisa Maria Sacramento Said. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2023. 1 arquivo .mp4 (1h 42 min e 18 seg). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a trajetória acadêmica da primeira Doutora em Química da Bahia.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KILOMBA, Grada. Descolonizando o Conhecimento. Youtube, 19. mar. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iLYGbXewyxs>. Acesso em 10. mar. 2022.

LANDER, Edgardo, La colonialidad del saber . **Eurocentrismo y Ciencias Sociales**. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires/Caracas: CLACSO/UNESCO , 2000.

LUGONES, MARÍA. **Colonialidad y Género** . *Tabula Rasa* , Dic 2008, no.9,

p.73-102. ISSN 1794-2489.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 935-952, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2014000300013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznb/?lang=pt#ModalArticles>. Acesso em: 21 jul. 2022.

LUGONES, María. Hacia un feminismo descolonial. **La manzana de la discordia**, v. 6, n. 2, pp. 105-119, 2011.

MACHADO, Maria Helena (Coord.). Perfil da enfermagem no Brasil: **relatório final**: Brasil.— Rio de Janeiro : NERHUS - DAPS - ENSP/Fiocruz, 2017. p181. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/pdfs/relatoriofinal.pdf>. Acesso em 23.nov.2021.

MARTINS, F. DOS S.; MACHADO, D. C.. Uma análise da escolha do curso superior no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 35, n. 1, p. e0056, 2018.

MELO, Hildete Pereira de; RODRIGUES, Lígia Maria Coelho de Souza. Pioneiras da ciência no Brasil, Rio de Janeiro, SBPC, 2006.

MINELLA, Luzinete Simões. Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna?. **Cadernos Pagu**, [S.L.], n. 40, p. 95-140, jun. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-83332013000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/JXJgYbcktzL3CwChZKZQ9qp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MOHANTY, Chandra Talpade. “De vuelta a “Bajo los ojos de Occidente”: la solidaridad feminista a través de las luchas anticapitalistas”. In: NAVAZ, Liliana; CASTILLO, Rosalva (Eds.). *Descolonizando el feminismo: teorías y prácticas desde los márgenes*, 2008. Disponível em: [https://www.feministas.org/IMG/pdf/articulo\\_libro\\_descolonizando\\_el\\_feminismo-.pdf](https://www.feministas.org/IMG/pdf/articulo_libro_descolonizando_el_feminismo-.pdf). Acesso em: 29.nov.2021.

MUNANGA, Kabenguele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Cadernos PENESB* (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n.5, p.15-34, 2004.

NAIDEKA, Naiane *et al.* Mulheres Cientistas na Química Brasileira. **Química Nova**, v. 43, n. 6, p. 823–836, jun. 2020.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas; "Quando Dizer é Agir: Racismo no Poder das Palavras", p. 13 -32. In: **Discurso, Cultura e Negritude – Discurso e Cultura** Vol. 4. São Paulo: Blucher, 2021.

OLIVEIRA, CAROLINE BARRONCAS DE; SILVA-FORSBERG, MARIA CLARA. O uso de narrativas nas pesquisas em formação docente em educação em ciências e

matemática. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências** (Belo Horizonte), v. 22, 2020.

OLIVEIRA, Raquel Melo de. **Mulheres na história da ciência**: a trajetória da primeira Química da Bahia. 2018. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Química, Instituto de Química, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

OPARA, Ijeoma Nnodim; RIDDLE-JONES, Latonya; ALLEN, Nakia. Modern day drapetomania: Calling out scientific racism. **Journal of general internal medicine**, p. 1-2, 2022.

PATROCINO, Laís Barbosa et al. Mulheres na ciência-uma reflexão sobre desigualdade de gênero e raça. **Caderno Espaço Feminino**, v. 33, n. 1, p. 418-441, 2020.

PEREIRA, Priscila Nunes. Negras, professoras e cotistas: saberes construídos na luta pelo exercício da docência. 2018. 173 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

PINHEIRO, Bárbara; Rosa, Katemari. **Descolonizando saberes**: a Lei 10639/2003 no ensino de ciências. São Paulo: Livraria da Física. 2018.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, p. 329-344, 2019.

PROENÇA, A. O; Baldaquim, M. J; Batista, I. L; Broietti, F. C. D. Tendências das Pesquisas de Gênero na Formação Docente em Ciências no Brasil. **Química nova escola**, São Paulo-SP. Tendências das Pesquisas de Gênero v. 41, N° 1, p. 98-107, fev. 2019.

PRUSA, Anna; PIKANÇO, Lara (Ed.). **A Snapshot of the Status of Women in Brazil, 2019**. Brazil Institute, Wilson Center, 2019. p 18-19.

QUIJANO. Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: Santos, Boa Ventura de Sousa; Meneses, Maria Paula. (org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. (73- 117).

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder. Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (org.) **A Colonialidade do Saber**: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-Americanas. CLACSO, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo. (org.) La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. **Perspectivas latinoamericanas**. CLACSO, 2000.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala? Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

ROMÃO, Jeruse. História da educação do negro e outras histórias. 2005.

RODRIGUES, Letícia. 5 cientistas negras que mudaram a história da ciência. **Galileu**. [S.L.], 17 mar. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2020/03/5--negras-que-mudaram-historia-da-ciencia.html>. Acesso em: 7 jul. 2023.cientistas

ROSA, Aline de Oliveira. **Espelho, espelho meu...** a ferida narcísica de um colonialismo falocêntrico. PerCursos, Florianópolis, v.22, p.61-82, jan./abr. 2021.

ROSA, Katemari. A (pouca) presença de minorias étnico-raciais e mulheres na construção da ciência. **Anais do Simpósio Nacional de Ensino de Física, Uberlândia, MG, Brasil**, 2015.

SALVADOR (BAHIA). Edital N.º 02/2018. Processo Seletivo 2018-2019 Cursos de Mestrado e Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana Programa de Pós Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Salvador, 17 de set. 2018.

SALVADOR (BAHIA). Edital N.º 05/2019. Processo Seletivo 2019-2020 Cursos de Mestrado e Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana Programa de Pós Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Salvador, 30 de ago. 2019.

SALVADOR (BAHIA). Edital N.º 01/2021. Processo Seletivo Alunos(as) Regulares Do Ppgefhc - Ufba/Uefs. Retificado Em 12/02/2021. Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana Programa de Pós Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Salvador, 12 de fev. 2021.

SANTOS, De Souza Márcio; FOURAUX, Da Silva Carolina Gonçalves; DE OLIVEIRA, Valéria Marques. Narrativa como método de pesquisa. **Revista Valore**, v. 5, p. 37-51, 2020.

SANTOS, Ana Luiza; JACOBS, Edgar. **O tratamento de dados pessoais para fins acadêmicos e realização de estudos por órgão de pesquisa**. 2022. Disponível em: <https://www.jacobsconsultoria.com.br/post/o-tratamento-de-dados-pessoais-para-fins-acad%C3%AAmicos-e-realiza%C3%A7%C3%A3o-de-estudos-por-%C3%B3rg%C3%A3o-de-pesquisa#:~:text=Como%20a%20LGPD%20n%C3%A3o%20estabeleceu,quem%20vai%20assinar%20o%20documento>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". **Ciência & Educação (Bauru)**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 449-466, abr. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>. Acesso em: 17 dez. 2022.

SILVA, Maria Lúcia da. Racismo e os efeitos na saúde mental. In: BATISTA, L. E.; KALCKMANN, S. (Org.). **Seminário saúde da população negra estado de São**

**Paulo**, 2004. São Paulo: Instituto de Saúde, 2005. p. 129-132. (Temas em Saúde Coletiva, 3).

SILVA, Petronilha Beatriz G. E .. "Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas": Situando-nos enquanto mulheres e negras. **Cadernos CEDES**, v. 19, n. 45, p. 7–23, jul. 1998.

SILVEIRA, Denise Tolfo *et al.* Métodos de pesquisa. **Porto Alegre: Editora da UFRGS**, v. 1, p. 4, 2009.

SANCHES, Amanda *et al.* Nota da equipe de pesquisa. In: XAVIER, Giovana Xavier (org.). **Catálogo intelectuais negras visíveis**. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 10-12. E-book.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo , v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X201700020002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X201700020002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 06 jan. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 2021.

TORRES, Nelson Maldonado. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel (eds.), *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá:lesco/Pensar/Siglo del Hombre Editores, Bogotá, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WESOLOWSKI, Patrick. *O Racismo Científico – A Falsa Medida do Homem*, **Geledes**, 2014.

WILLOUGHBY, Christopher DE. Running away from drapetomania: Samuel A. Cartwright, medicine, and race in the Antebellum South. **Journal of Southern History**, v. 84, n. 3, p. 579-614, 2018.

XAVIER, Giovana. Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história. Rio de Janeiro: **Malê**, 2019.

XAVIER, Giovana. Ciência de Mulheres Negras: um experimento de insubmissão. **Saúde em Debate**, [S.L.], v. 45, n. 1, p. 51-59, out. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-11042021e104>.

**ANEXO A – QR CODE COM O VÍDEO EDITADO DA PRIMEIRA ENTREVISTA**



**ANEXO B – QR CODE COM O VÍDEO EDITADO DA SEGUNDA ENTREVISTA**





## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS DA**  
**UFBA/UEFS**

### **COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA** **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

A Senhora Djane Santiago de Jesus está sendo convidado a participar do projeto “A PRIMEIRA DOUTORA NEGRA EM QUÍMICA NA BAHIA: DJANE SANTIAGO DE JESUS”, sob a responsabilidade da pesquisadora principal de Taisa Maria Sacramento Said.

O nosso objetivo é Investigar, por meio de uma pesquisa histórica e biográfico-narrativa, a trajetória acadêmica da primeira mulher negra a doutorar-se em Química na Bahia e relacionar possíveis entrelaçamentos com a trajetória acadêmica de outra mulher negra em diferente momento histórico.

A senhora receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa. A sua participação será através de entrevistas online e ou presenciais em 2023. Para isso será utilizada recursos de gravação de imagens, vídeos e voz.

A Senhora pode se recusar a responder, ou participar de qualquer procedimento e de qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para a senhora. Também não haverá despesas pessoais para a participante em qualquer fase do estudo, incluindo possíveis deslocamentos. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação, que será voluntária.

Os resultados da pesquisa serão divulgados para fim de obtenção de grau acadêmico a ser publicados posteriormente na Universidade Federal da Bahia. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda da pesquisadora. Caso possua qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, telefone para: Taisa Maria Sacramento Said no telefone Nº 71 986311412 ou através do email: thaisaid@gmail.com.

Salvador, 29 de junho de 2023.

**Pesquisadora principal**  
Taisa Maria Sacramento Said  
Rua José Rodrigues Figueredo Nº 60



Documento assinado digitalmente  
TAISA MARIA SACRAMENTO SAID  
Data: 29/06/2023 10:38:25-0300  
Verifique em <https://validar.dfi.gov.br>

Eu, Djane Santiago de Jesus declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação na pesquisa e concordo como a publicação de dados descrito neste termo.

Participante: Djane Santiago de Jesus

## APÊNDICE B - TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU VOZ PARA FINS DE PESQUISA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS**  
**CIÊNCIAS DA UFBA/UEFS**

### COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

#### **Termo de cessão de uso de imagem e/ou voz Para fins de pesquisa**

Eu, Djane Santiago de Jesus, participante do estudo (A Primeira Doutora Negra em Química na Bahia: Djane Santiago De Jesus), de forma livre e esclarecida, cedo o direito de uso das imagens, vídeos e/ou voz adquiridos durante a participação na pesquisa, que possui o objetivo de investigar, por meio de uma pesquisa histórica e biográfico-narrativa, a trajetória acadêmica da primeira mulher negra a doutorar-se em Química na Bahia e relacionar possíveis entrelaçamentos com a trajetória acadêmica de outra mulher negra em diferente momento histórico. E autorizo a pesquisadora Taisa Maria Sacramento Said, bem como a Universidade Federal da Bahia, responsáveis pela pesquisa a:

- 1- utilizar e veicular as fotografias, vídeos e/ou voz obtidas durante sua participação na pesquisa para elaboração de Trabalho de Conclusão do Curso de Dissertação de Mestrado da Universidade Federal da Bahia para fim de obtenção de grau acadêmico (e/ou divulgação científica).
- 2- utilizar as fotografias, vídeos e/ou voz na produção de quaisquer materiais acadêmicos, inclusive aulas e apresentações em congressos e eventos científicos, por meio oral (conferências) ou impresso (pôsteres ou painéis); na publicação de artigos científicos em meio impresso e/ou eletrônico para fins de divulgação, sem limitação de número de inserções e reproduções;
- 3- no caso de imagens, executar livremente a montagem das fotografias, realizando cortes e correções de brilho e/ou contrastes necessários, sem alterar a sua veracidade, utilizando-as exclusivamente para os fins previstos neste termo e responsabilizando-se pela guarda e pela utilização da obra final produzida;
- 4- no caso da voz, executar livremente a edição e montagem do trecho, realizando cortes e correções necessárias, assim como de gravações, sem alterar a sua veracidade, utilizando-as exclusivamente para os fins previstos neste termo e responsabilizando-se pela guarda e pela utilização da obra final produzida.

A participante declara que está ciente que não haverá pagamento financeiro de qualquer natureza neste ou em qualquer momento pelas imagens, vídeos e/ou da voz, e que está ciente que pode retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, salvo os materiais científicos já publicados.

É vedado à pesquisadora utilizar as imagens, os vídeos e/ou a voz para fins comerciais ou com objetivos diversos da pesquisa proposta, sob pena de responsabilização nos termos da legislação brasileira. A pesquisadora declara que a presente pesquisa será norteado pelos normativos éticos vigentes no Brasil.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS**  
**CIÊNCIAS DA UFBA/UEFS**

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

O participante receberá uma cópia assinada e datada deste termo.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** TAISSA MARIA SACRAMENTO SAID  
Data: 29/06/2023 14:43:27-0300  
Verifique em <https://validar.ri.gov.br>

Salvador, 29 de junho de 2023.

---

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL**  
**CPF: 03469914559**

*João Santiago de Jesus*

---

**PARTICIPANTE DO ESTUDO**

**CPF: 405293205-68**